

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

DANIELA PEREIRA DA SILVA

**OS FILMES DO CAPITÃO AMÉRICA COMO FERRAMENTA DO *SOFT POWER*
ESTADUNIDENSE**

Santana do Livramento

2017

DANIELA PEREIRA DA SILVA

**OS FILMES DO CAPITÃO AMÉRICA COMO FERRAMENTA DO *SOFT POWER*
ESTADUNIDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Relações Internacionais pela Universidade
Federal do Pampa – UNIPAMPA

Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Lira
Nascimento

Santana do Livramento

2017

**OS FILMES DO CAPITÃO AMÉRICA COMO FERRAMENTA DO *SOFT POWER*
ESTADUNIDENSE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso avaliado e aprovado em: ___/___/____.

Professores avaliadores

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira Nascimento
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Rafael Vitória Schmidt
(UNIPAMPA)

Prof. Msc. Ricardo Fagundes Leães
(UNIPAMPA)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família pela paciência, pelo apoio e pelo auxílio.

A Deus por ter me dado forças quando mais precisei e discernimento para concluir não só este trabalho mas como o curso Relações Internacionais.

Ao meu orientador Flávio pela ajuda e pelas considerações pertinentes.

Aos amigos que fiz durante todo curso que sempre estiveram comigo e sempre dispostos a me ajudar.

E ao meu companheiro por ter me dado apoio e ficado ao meu lado sempre, me distraindo, me incentivando e me dando força.

RESUMO

Os filmes do Capitão América, cujos títulos são: Capitão América- O Primeiro Vingador, Capitão América- O Soldado Invernal e Capitão América- Guerra Civil foram lançados em 2011, 2014 e 2016, respectivamente. Com isso, o presente trabalho tem como objetivo analisar cada um separadamente, tendo como embasamento a teoria *Soft Power*, construída por Joseph Nye e específica dos estudos da área de Relações Internacionais, além de ligar a história de cada filme a um momento histórico, como o nazismo no primeiro, a Guerra Fria no segundo filme e o embate entre liberdade e segurança no terceiro filme. Ademais, serão mostradas cenas dos filmes em que fique claro o *Soft Power* estadunidense e também que métodos os diretores usam para deixar este *Soft Power* evidente ou não em cada cena. Para isso, serão usados dois conceitos complementares, de Douglas Kellner e Roberto Moll, que mostram como fazer uma análise crítica política a partir dos enquadramentos, das figuras, símbolos, iluminação, imagens e o que constam nelas, bem como ícones e *indéxes*, e principalmente os discursos ideológicos nos diálogos.

Palavras-chave: *Soft Power*, Capitão América, Estados Unidos.

ABSTRACT

Captain America movies, the titled: Captain America- The First Avenger, Captain America- The Winter Soldier, Captain America- Civil War were released in 2011, 2014 and, 2016, respectively. This work aim to analyze each one separately building upon Joseph Nye's Soft Power. Theory, which is specific to the field of International Relations, besides linking each movie to a specific historic period such as Nazism in the first, the Cold War in the second and the struggle between freedom and security in the latter. In addition, this word will show scenes in which US soft power is clear as well as the methods directors use to make suck power evident of not in each scene. To achieve this two complementary concepts from Douglas Kellner and Roberto Moll shall be used – they teach how to make a critical political analyses through framing, pictures, symbols, lightning, images and what is the them, as well as icons and indexes, and particularly the ideological discourses within the dialogues.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa da primeira revista em quadrinhos do Capitão América	23
Figura 2: Primeira aparição do vilão.....	41
Figura 3: Caveira Vermelha- HIDRA	42
Figura 4: Discurso 1	42
Figura 5: Discurso 2	43
Figura 6: Johann Schmidt referindo-se ao soro do supersoldado	43
Figura 7: Discurso 3	44
Figura 8: Homem bom	45
Figura 9: Heil HIDRA	45
Figura 10: Comercial de TV	46
Figura 11: Comercial de TV 2.....	47
Figura 12: Comercial de TV 3.....	47
Figura 13: Caveira Vermelha.....	48
Figura 14: Steve salva os soldados	48
Figura 15: Primeira vez com o traje oficial.....	49
Figura 16: Símbolo da HIDRA semelhante ao do nazismo	49
Figura 17: Capitão América, o grande herói	50
Figura 18: O melhor soldado.....	56
Figura 19: Capitão correto	57
Figura 20: Apoio ao uso do Hard Power	58
Figura 21: Apoio ao uso do Hard Power 2	58
Figura 22: Soft Power	59
Figura 23: Balas usadas pelo Soldado Invernal.....	59
Figura 24: HIDRA no pós Segunda Guerra Mundial	60

Figura 25: O Soldado Invernal.....	60
Figura 26: Soldado Invernal atacando e Capitão América se defendendo	61
Figura 27: Mocinhos não matam	61
Figura 28: Capitão América assume uma liderança	62
Figura 29: Discurso de liberdade	62
Figura 30: Capitão América salva o mundo	63
Figura 31: Trégua entre Capitão América e Soldado Invernal	64
Figura 32: Os Vingadores como parte de uma comissão da ONU.....	72
Figura 33: Vingadores como parte de uma comissão da ONU 2.....	73
Figura 34: Capitão América defende a liberdade	74
Figura 35: A trégua acabou	74
Figura 36: Bucky bonzinho.....	75
Figura 37: Steve considerado criminoso por defender Bucky.....	75
Figura 38: Soldado Invernal incriminado	76
Figura 39: Tentando incriminar Bucky	76
Figura 40: Tony Stark defendendo o Hard Power	77
Figura 41: Confronto liberdade VS segurança.....	78
Figura 42: Stark ofendendo Natasha por ser russa.....	79
Figura 43: Confronto entre Capitão América e Homem de Ferro	79
Figura 44: Capitão América defende Bucky e derrota Tony Stark.....	79
Figura 45: Reconciliação Capitão América e Homem de Ferro	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CONCEITO DE <i>SOFT POWER</i>	14
2 A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DO PERSONAGEM CAPITÃO AMÉRICA.....	21
3 ANÁLISE POLÍTICA CRÍTICA DE FILMES	29
4 CAPITÃO AMÉRICA- O PRIMEIRO VINGADOR: CONTEXTO HISTÓRICO E ANÁLISE POLÍTICA CRÍTICA	37
5 CAPITÃO AMÉRICA 2- O SOLDADO INVERNAL: GUERRA IDEOLÓGICA E ANÁLISE FÍLMICA	51
6 CAPITÃO AMÉRICA 3- GUERRA CIVIL: DEBATE ENTRE LIBERDADE OU SEGURANÇA E ANÁLISE CRÍTICA DO FILME.....	65
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
8 REFERÊNCIAS	87

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre cinema na área de Relações Internacionais é um tema novo, visto que as teorias *Soft Power* e *Hard Power* foram construídas apenas em 1990 por Joseph Nye. Mesmo que antes disso já estivessem sido lançados inúmeros filmes que apresentavam elementos não só de *Hard Power*, mas como de *Soft Power*, só foram trazidos para área de RI apenas nesse momento. Sendo assim, pode-se dizer que isto ganhou força após os atentados terroristas em 2001, visto que foram lançados muitos filmes de combate ao terrorismo e invasões ao Oriente Médio por exemplo. Entretanto, esta prática de *Hard Power* não era a melhor forma de influenciar a opinião pública, uma vez que era usada a violência para combater os inimigos terroristas e isto poderia não ser bem aceito. Sendo assim, era mais fácil então adotar o *Soft Power*, ou seja, uma forma pacífica e manipuladora de mostrar o quanto os Estados Unidos são imbatíveis e conseguem sempre derrotar seus inimigos sem ser necessariamente através da força, da violência.

Desta forma, o tema do presente trabalho é a análise dos três filmes do Capitão América, tendo como foco a identificação do *Soft Power* presente nos mesmos, através de elementos específicos, como discurso nos diálogos, cores nas imagens e iluminação que os autores Douglas Kellner e Roberto Moll nos trazem.

O tema será delimitado então no conceito de *Soft Power*, no contexto histórico específico de cada filme e a análise destes. Sendo assim, o *Soft Power*, ou Poder Brando, trata-se de uma ferramenta de política externa norte-americana construída e conceituada pelo autor Joseph S. Nye Jr em 1990 em um artigo publicado por ele. A teoria é descrita como uma forma pacífica de obter influência com Estados menos desenvolvidos.

Estes métodos usados pelos Estados Unidos podem implicar em uma situação de aceitação por parte de outros Estados, de sua gerência, de seu poder de comando ou de intervenção em assuntos domésticos, tanto por parte da esfera política, quanto pela opinião pública que após ter sofrido a influência do poder brando nos veículos culturais norte-americanos tendem a reagir com maior naturalidade. Assim como a liderança política do país

que inclina-se a ser favorável por uma política externa menos truculenta. O *Soft Power* será conceituado no primeiro capítulo.

No segundo capítulo será mostrada a origem e o desenvolvimento do personagem Capitão América nas revistas em quadrinhos desde o lançamento das mesmas e como foram adaptadas para os filmes. Nota-se que o personagem sofreu mudanças significativas ao longo das revistas, como por exemplo, nas primeiras HQs, assim como no primeiro filme, o super-herói lutara cegamente por seu país, sem questionar suas ordens, depois, nas HQs mais atuais, assim como no segundo e terceiro filme, o personagem já não luta cegamente, ele passa a questionar as missões que lhe são passadas e aquelas que ferem seus princípios morais e éticos ele não realiza.

No terceiro capítulo serão abordados os conceitos de Douglas Kellner e Roberto Moll que nos mostram como deve ser feita uma análise política crítica através da identificação de elementos específicos como a iluminação nas cenas e o discurso político nos diálogos. Para se observar atentamente isto, deve-se analisar as cores das imagens, o enquadramento das cenas, os ícones, os *indexes* e os símbolos.

No quarto capítulo será mostrado primeiramente o contexto histórico do primeiro filme, que é o nazismo, e logo após conceituar isto, será feita a análise do mesmo. Sendo assim, no primeiro filme, Capitão América: O Primeiro Vingador, levando em consideração a sua história central, o objetivo é ligá-la ao nazismo, uma vez que fica evidente a alusão com a organização “HIDRA” enfrentada pelo herói.

No quinto capítulo será contextualizada a Guerra Fria em um primeiro momento, sendo realizada a análise do filme Capitão América 2: O Soldado Invernal. O objetivo é fazer uma associação do mesmo com a Guerra Fria, visto que, fica sugestiva alusão do Soldado Invernal à Rússia ou à União Soviética. Desta forma, o embate entre herói e anti-herói simboliza a Guerra Fria, assim como também a sua reconciliação e aproximação, que é convenientemente mostrada em 2014. Mesmo que esta alusão não fique clara, conseguiremos identificá-la através dos elementos citados acima.

No sexto capítulo que corresponde à análise do terceiro filme, Capitão América 3: Guerra Civil, o objetivo é abordar a situação dos Estados Unidos desde o fim da Guerra Fria

até o momento em que o filme foi lançado (2016), ou seja, o que levou ao debate entre segurança ou liberdade.

No que tange à problemática do trabalho, o objetivo é responder de que forma as cenas dos filmes, bem como o discurso político nos diálogos apresentam elementos de *Soft Power* que são capazes de influenciar a opinião pública. Desta forma, a hipótese procura responder isto através da análise dos elementos específicos, já citados acima, que evidenciam este *Soft Power*.

O objetivo geral é reconhecer os elementos de *Soft Power* transmitidos nos três filmes do Capitão América através de uma análise política crítica identificando os elementos específicos. O primeiro objetivo específico é analisar os três filmes do Capitão América, o segundo é compará-los a momentos históricos em que os Estados Unidos desempenharam um papel heroico e saíram como vencedores simbólicos, o terceiro é apontar nos filmes as principais cenas em que o personagem deixa de figurar um homem para dar alusão ao país norte-americano e o quarto e último objetivo é identificar o *Soft Power* nos três filmes.

Além disso, o trabalho é baseado em uma pesquisa qualitativa, pois não possui dados numéricos, é feita através de livros, artigos e fontes acadêmicas. Levanta questões de “como” e “por que” e se preocupa em analisar um fato específico, ou seja, de que modo o *Soft Power* foi desenvolvido e de que forma ele é impactante na política externa norte-americana. É também uma pesquisa básica, pois envolve verdades e interesses mundiais e não tem aplicação prática prevista. (GERHARDT, 2009, p. 34)

É uma pesquisa exploratória, pois é um levantamento e um conhecimento inicial sobre o tema, além de construir hipóteses e tornar o problema de pesquisa mais explícito e envolve lavamentos bibliográficos. (GIL, 2007 apud GERHARDT, 2009, p. 35)

E por fim, a técnica de pesquisa é uma revisão bibliográfica, pois “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites.” (FONSECA, 2002 apud GERHARDT, 2009, p. 37) Nos quais abordavam dos assuntos referentes à teoria de Nye e também do contexto histórico sobre nazismo e Guerra Fria.

Quanto à justificativa, podemos dizer que O *Soft Power* tem sido de extrema relevância desde seu surgimento, até os dias atuais, sem encontrar grandes resistências nos Estados vítimas de uma influência predatória das potências, principalmente os Estados Unidos, que usufruem de uma grande influência sobre os Estados menos desenvolvidos, transmitindo sua cultura e ideologia.

Com isso, os Estados Unidos possuem uma grande gama de Estados seguidores que foram influenciados. No entanto isto prejudica a coesão nacional das populações afetadas, pode gerar um efeito de aculturação nessas populações.

Sendo assim, fica evidente essa influência, mesmo que implícita no cinema norte-americano. Como ocorre nos filmes do Capitão América, que serão analisados no presente trabalho. Onde é passada a mensagem de que os Estados Unidos é o melhor país do mundo e o governo possui uma grande preocupação com a população.

Desta forma, esse trabalho busca colaborar a outros estudos na subárea de *Soft Power*, uma vez que este é um tema que não deve ser negligenciado, pois representa mais uma forma de poder do imperialismo norte-americano.

1 O CONCEITO DE *SOFT POWER*

Antes de conceituar o que é *Soft Power* ou Poder Brando, é de suma importância definir o que é poder e de que forma ele é obtido. Para isso, será mostrada a definição deste por dois autores diferentes, primeiramente por Joseph Nye, que foi o pai da teoria *Soft Power* e em um segundo momento, por Norberto Bobbio, que foi um filósofo político italiano. Desta forma, Nye define que o poder está na habilidade de fazer coisas e controlar outros, através de determinados recursos.

*The dictionary tells us that power means an ability to do things and control others, to get others to do what they otherwise would not. Because the ability to control others is often associated with the possession of certain resources, politicians and diplomats commonly define power as the possession of population, territory, natural resources, economic size, military forces, and political stability.*¹ (NYE, 1990, p. 154)

O autor reforça que possuir recursos não é uma prova de poder, para ele, no mundo pós Guerra Fria, o poder se encontrava na capacidade de alterar o comportamento dos Estados. (NYE, 1990, p.155)

Além disso, Nye menciona que o poder, neste contexto, estaria deixando de pertencer aos ricos de capital e passando aos ricos de informação, pois esta está se tornando cada vez mais significativa. (NYE, 1990, p. 164)

Em seu livro *O Paradoxo do Poder Americano*, Nye aprofunda o conceito de poder e menciona que ao longo dos anos, o poder dos Estados foi se afastando da força militar, ou seja, o *Hard Power*, como é denominado pelo autor e passou a utilizar o *Soft Power*, cujo conceito será aprofundado mais adiante. O que ocorre, segundo Nye, é que durante a Guerra Fria as armas nucleares eram tão destrutivas e temíveis que se tornou um incômodo, além de serem extremamente custosas. (NYE, 2002, p. 32) Desta forma, precisava-se de um novo modo de alcançar poder, e é onde entra o *Soft Power*.

¹ O dicionário nos diz que poder significa uma habilidade de fazer coisas e controlar outros, para fazer com que os outros façam algo que, de outra forma não fariam. Porque a habilidade de controlar os outros é frequentemente associada com a posse de certos recursos, políticos e diplomatas comumente definem poder como a posse de população, território, recursos naturais, tamanho da economia, forças militares, e estabilidade política (NYE, 1990, p.154, tradução nossa)

Para melhor compreender o que significa poder brando ou poder duro, convém conceituar o poder em si, o cientista político Norberto Bobbio diz que o termo poder...

[...] designa a capacidade ou a possibilidade de agir, de produzir efeitos. Tanto pode ser referida a indivíduos e a grupos humanos como a objetos ou a fenômenos naturais (como na expressão Poder calorífico, Poder de absorção). (BOBBIO, 1998, p.933)

O Poder, se analisado em sentido meramente social, na relação da vida do homem na sociedade, converte-se em um âmbito mais específico, onde se explora sua capacidade de agir, de maneira geral, inclusive a capacidade do homem sobre outros homens. Ou seja, o homem deixa de ser apenas sujeito e passa também a ser um objeto de Poder social. (BOBBIO, 1998)

Ademais, Bobbio ressalta que o dinheiro pode induzir às pessoas a comportarem-se da forma que quem o tem deseja.

[...] se me encontro só ou se o outro não está disposto a comportar-se dessa maneira por nenhuma soma de dinheiro, o meu Poder se desvanece. Isto demonstra que o meu Poder não reside numa coisa (no dinheiro, no caso), mas no fato de que existe um outro e de que este é levado por mim a comportar-se de acordo com os meus desejos. (BOBBIO, 1998, p. 934)

Desta forma, o autor conclui que “O Poder social não é uma coisa ou a sua posse: é uma relação entre pessoas.” (BOBBIO, 1998, p. 934)

Após conceituada a concepção de poder pelos autores Norberto Bobbio e Joseph S. Nye Jr., torna-se mais plausível o entendimento da teoria do *Soft Power*, construída em 1990 no advento da Nova Ordem Mundial, pelo cientista político estadunidense Joseph S. Nye Jr., como forma alternativa para manter a hegemonia conquistada.

Por hegemonia reconhecemos como poder absoluto aos chefes dos exércitos, chamados, por Bobbio de condutores ou guias. É dentro de um sistema, a supremacia de um Estado-nação ou de uma comunidade político territorial. (BOBBIO, 1998, p. 579) Além disso, entende-se por hegemonia que...

A potência hegemônica exerce sobre as demais uma preeminência não só militar, como também frequentemente econômica e cultural, inspirando-lhes e condicionando-lhes as opções, tanto por força do seu prestígio como em virtude do

seu elevado potencial de intimidação e coerção; chega mesmo a ponto de constituir um modelo para as comunidades sob a sua Hegemonia. (BOBBIO, 1998, p. 579)

Ademais, é importante salientar que o conceito de Hegemonia não se refere apenas a um conceito jurídico, seja ele de direito privado ou público, o conceito de Hegemonia é também uma relação interestatal de potência que prescinde de uma clara regulamentação jurídica. Ou seja, interpreta-se desta forma, que Hegemonia é uma forma de poder de fato, a influência e domínio. Sendo assim, ela ocupa, segundo Bobbio, uma posição intermédia, uma vez que oscila de um polo para outro. (BOBBIO, 1998, p. 579)

Portanto, *Soft Power* significa a influência que um Estado pode exercer sobre outro por meio da imposição de ideologias e culturas, seja ela imposta por meio de filmes, músicas, jogos eletrônicos, esporte e até mesmo na vestimenta.

O Poder Brando é o contraponto do Poder Duro, ou *Hard Power*, que é o método de um Estado coagir outro com base de seu poderio militar. É importante salientar que Nye construiu essa teoria após as duas Guerras Mundiais e durante a Guerra Fria, tendo como objetivo principal substituir o Poder duro, pois o uso da força acabava sendo muito custoso, além de comprometer a interdependência entre os Estados, como já foi mencionado acima.

*[...] the direct use of force for economic gain is generally too costly and dangerous for modern great powers. Even short of aggression, the translation of economic into military power resources may be very costly.*² (NYE, 1990, p. 159)

Maíra Ouriveis cita exemplos do uso de *Hard Power*:

Situações emblemáticas que ilustram o uso do *hard power* são as invasões do Afeganistão e do Iraque ocorridas nos anos 2001 e 2003 respectivamente. Nestes momentos os Estados Unidos buscaram se impor e conquistar seus objetivos através da utilização de força bélica, típica da execução de poder duro. (OURIVEIS, 2013, p. 172)

Portanto, a ferramenta de Poder Brando, sendo ela mais sutil, apresenta um método sagaz de induzir os Estados a se comportarem da forma como se quer. Ou seja, utilizariam uma forma mais branda para obter e exercer poder, e não mais através do uso da força. Um

² [...] o uso direto da força por ganhos econômicos é geralmente muito custoso e perigoso para as grandes potências modernas. Mesmo que pouco agressiva, a tradução de poder econômico para recursos de poder militar pode ser muito custosa. (NYE, 1990, p.159, tradução nossa)

dos pontos positivos deste tipo de poder é a pouca resistência que ele encontra, o que é evidenciado no momento em que essa influência, essa persuasão é feita através da televisão, por exemplo, entre outros veículos midiáticos, desta forma os indivíduos nem notam que estão sendo influenciado indiretamente.

*These trends suggest a second, more attractive way of exercising power than traditional means. A state may achieve the outcomes it prefers in world politics because other states want to follow it or have agreed to a situation that produces such effects.*³ (NYE, 1990, p. 166)

*This second aspect of power – which occurs when one country gets other countries to want what it wants – might be called co-optive or soft power in contrast with the hard or command power of ordering others to do what it wants.*⁴ (NYE, 1990, p. 166)

A grande preocupação dos Estados Unidos após a Guerra Fria, ainda no final do século XX, não era se eles iriam iniciar o próximo século como uma superpotência no que se refere a ter o maior estoque de recursos e sim no que diz respeito ao controle do ambiente político internacional, se eles iriam conseguir fazer com que os outros Estados agissem da maneira que eles queriam, pois nesse período apesar de ter uma grande influência sobre alguns Estados, eles não possuíam uma grande influência sobre o Sistema Internacional como um todo. (NYE, 1990, p. 155)

Quanto à influência do *Soft Power* na política externa dos Estados Unidos, é de extrema importância que se aborde primeiramente sua política interna, pois sem sua capacidade de influência doméstica não teria como influenciar outros Estados.

[...] entende-se o *American Way of Life* como a exacerbação da cultura norte-americana, da predestinação puritana do êxito e de produção e consumo de massas, inserindo todos os cidadãos dos Estados Unidos ao mercado consumidor. Nessa visão grosseira mais recorrente sobre o *American Way of Life* já estão inseridos dois erros de generalização: o primeiro é não considerar as diferenças dentro do conceito de cultura americana, que variam de região para região de um país geograficamente tão extenso. O segundo é acreditar que o consumo de massa e conforto social chegou em todos os lares americanos. E entre os maiores esquecidos estão os estados do Sul, tratados como diferentes desde antes da guerra de Secessão e, depois

³ Estas tendências sugerem uma segunda forma mais atraente de exercer poder do que os meios tradicionais. Um estado pode obter os resultados que prefere nas políticas mundiais por conta de outros estados quererem segui-lo ou terem concordado com uma situação que produza tais efeitos. (NYE, 1990, p.166, tradução nossa)

⁴ Este segundo aspecto do poder – o qual ocorre quando um país faz com que outros países façam o que ele quer que eles façam – pode ser chamado de poder brando ou co-optivo em contraste com o poder duro ou poder de comando de ordenar outros a fazerem o que ele quer. (NYE, 1990, p.166, tradução nossa)

de destruídos, excluídos das políticas que vinham de Washington, do Norte: isto é, dos vencedores. (TEIXEIRA, 2008, p.37-38)

Ao assistir a um filme estadunidense que transmita a mensagem do Poder Brando, o indivíduo poderá achar agradável, poderá ainda se identificar com o que está sendo mostrado e querer transmitir isso de alguma forma, então isso quer dizer que o *Soft Power* está surtindo efeito. Desta maneira, este sujeito poderá então ser mais suscetível a apoiar as ações dos Estados Unidos, interpretar com inocência que mesmo agindo de forma ácida, os Estados Unidos estão agindo assim pelo bem maior, e desta forma ser conivente com suas políticas e não contestar suas decisões.

Os Estados Unidos em vários momentos utilizaram-se da ferramenta *Soft Power* após securitizar⁵ determinada questão, identificar um inimigo e influenciar a opinião pública a aceitar tudo o que fosse feito contra este inimigo e até induzir a opinião pública a clamar por mais segurança, quando na verdade a insegurança que sentem vem de um inimigo inexistente ou irrelevante, criado pelo Estado para que a população interna não se importasse de estar sob um regime de vigilância constante.

A influência estadunidense ganhou força com o tempo, embora a música, a vestimenta e a culinária, entre outras características da cultura norte-americana, estejam ganhando um papel mais significativo, a principal fonte de *Soft Power* estadunidense ainda continuam sendo os filmes e seriados Hollywoodianos, onde são exibidas histórias onde “[...] a fama de invencível e invulnerável dos EUA se propaga bem como seu renome de nação benevolente, protetora e solucionadora de conflitos.” (OURIVEIS, 2013, p. 173)

Um bom exemplo disso é uma grande parte dos jovens japoneses que mesmo nunca tendo estado nos Estados Unidos, passaram a vestir jaquetas esportivas nos quais são estampados nomes de universidades norte-americanas. Além disso, na Nicarágua eram transmitidos programas de TV norte-americanos mesmo enquanto o seu governo lutava contra guerrilheiros apoiados pelos Estados Unidos. Na Rússia os jovens vestiam o tradicional *blue jeans* americano e procuram por discos estadunidenses. Na China, embora tenha havido

⁵ Por securitização nos referimos a um processo de identificação e apresentação de uma ameaça, visando influenciar a opinião pública para justificar tudo o que for feito contra o representante desta ameaça. (BUZAN, p. 214, 2009)

protestos do governo contra a intromissão dos Estados Unidos, os cidadãos chineses sempre mostraram muito interesse na democracia e na cultura norte-americana. (NYE, 1990, p.169) Apesar dos contextos de conflitos históricos e divergências ideológicas com estes países, é evidente que eles seguem muito a cultura norte-americana.

*According to past studies by the United Nations Educational, Scientific, and Cultural Organization, the United States has been exporting about seven times as many television shows as the next largest exporter (Britain) and has had the only global network for film distribution. Although American films account for only 6-7 per cent of all films made, they occupy about 50 per cent of world screentime. In 1981, the United States was responsible for 80 per cent of worldwide transmission and processing of data. The American language has become the lingua franca of the global economy.*⁶ (NYE, 1990, p.169)

Apesar de estes dados serem da década de 90, os Estados Unidos ainda predominam no cinema mundial, e o inglês continua sendo a língua mais falada no mundo, além de influenciar nos idiomas dos países, há um estrangeirismo inserido nos idiomas de países que são simpáticos aos Estados Unidos, como na Alemanha há o *Denglisch*, no Brasil há uma série de palavras da língua inglesa que foram introduzidas ao vocabulário do português brasileiro, seja pela cultura em si ou pela preferência da população pelos produtos importados em relação aos nacionais.

Em 2009, Joseph Nye deu uma entrevista à Spiegel, na qual ele comenta sobre o *Hard Power* e *Soft Power* no primeiro ano do governo de Barack Obama. Nye menciona o caso da expansão do Talibã no Afeganistão e Paquistão, e as bombas nucleares desenvolvidas pela Coreia do Norte e Irã, o presidente teria a opção de usar *Hard Power*. Entretanto, Nye acha que uma conversa com Al Qaeda seria inviável, muito menos esta seria atraída pelos interesses americanos (*Soft Power*), sendo assim, a única opção seria mostrar esses valores aos jovens que seriam recrutados para o grupo terrorista, fazendo com que eles desistam de seguir tal grupo. (SPIEGEL, 2009)

⁶ De acordo com estudos feitos pela Organização para a Educação, a Ciência e a Cultura das Nações Unidas, os Estados Unidos vêm exportando sete vezes mais programas de televisão do que o maior exportador (Inglaterra) e teve a única rede global para distribuição de filmes. Embora os filmes americanos contabilizem apenas 6-7 por cento de todos os filmes feitos, eles ocupam cerca de 50 por cento do tempo de tela mundial. Em 1981, os Estados Unidos foram responsáveis por 80 por cento das transmissões a nível global e processamento de dados. O idioma americano se tornou a língua franca da economia global. (NYE, 1990, p.169, tradução nossa)

Mais tarde, no começo deste ano, 2017, Nye disse que o presidente Donald Trump estava causando danos aos Estados Unidos perante o mundo, entretanto, o autor diz que mesmo assim, quem profetiza sobre o fim da hegemonia americana, deve ir com cautela. Nye disse em uma entrevista à ÉPOCA, que se mostrava otimista à capacidade das instituições dos Estados Unidos para conter ideias destrutivas do atual presidente, reconhecendo que este é uma ameaça à ordem internacional. Além disso, Nye menciona que Trump já começou seu governo distanciando-se do *Soft Power*, em sua campanha política e também por seus tuítes agressivos. Para o autor isso reduz o respeito do mundo frente aos Estados Unidos. (ÉPOCA, 2017)

Além disso, a influência dos Estados Unidos sobre outros Estados cresceu significativamente com o passar do tempo. Entretanto, apesar de serem paroquiais e internamente orientados, a cultura, os valores americanos de democracia e os direitos humanos foram abertos para várias etnias, o que fez com que ganhassem uma grande influência internacional. (NYE, 1990, p.170)

A cultura é um aspecto essencial ainda na formação de alianças entre países:

A OTAN e o Pacto de Varsóvia são exemplos de instituições estabelecidas dentro do bloco capitalista e do bloco socialista, respectivamente, dando formalidade às percepções e aos comportamentos dos atores internacionais durante a Guerra Fria. Considerando a estrutura de ordem mundial proposta por Rosenau, entende-se que o primeiro nível dessa estrutura, ou seja, o nível ideacional reflete a importância do elemento cultural nas relações internacionais. (GALDIOLI, 2008, p.17)

Então dessa forma, o Poder Brando se torna cada vez mais importante, pois se um Estado tem a capacidade de mostrar seu poder como legítimo, como o poder a ser seguido perante os outros no Sistema Internacional, e mostrar sua cultura e ideologia como algo atraente, eles vão segui-lo aparentemente de livre e espontânea vontade, sendo assim poupado o uso do *Hard Power*.

2 A ORIGEM E O DESENVOLVIMENTO DO PERSONAGEM CAPITÃO AMÉRICA

O personagem Capitão América surgiu no contexto da Segunda Guerra Mundial, na revista em quadrinhos (HQ)⁷ *Captain America Comics I* em março de 1941, criada por Joe Simons e Jack Kirby e publicada pela Marvel Comics, onde lutara contra as potências do Eixo e a o próprio Hitler, uma vez que na capa, onde foi reeditada, em 1992, as duas primeiras HQs de 1941, aparece o super-herói combatendo Hitler e também é mostrado o ataque a Pearl Harbor por parte dos japoneses. O personagem, visualmente patriota, vestia trajes com as cores da bandeira dos Estados Unidos, tendo como única arma um escudo praticamente indestrutível, que só serve para se defender e não para atacar, sendo esse o mesmo discurso dos Estados Unidos, quando atacam determinado lugar com a desculpa de estarem se defendendo. (CHAGAS, 2008, p. 142) Podemos usar como exemplo a guerra do Iraque, onde a superpotência americana atacou o país usando como pretexto a defesa do terrorismo. O mesmo ocorreu no Afeganistão, onde o objetivo era capturar Osama Bin Laden. Além disso, o personagem ficou conhecido como sentinela da liberdade.

O personagem a princípio se chamaria “*Super American*”, para que ele se destacasse dentre tantos super-heróis com “super” no nome, e ainda, adicionando um teor militarista e um ar de superioridade do personagem perante os jovens soldados que se alistavam. É importante mencionar que o super-herói contava com a ajuda de seu parceiro Bucky Barnes, um soldado norte americano, que apareceu também na primeira revista em quadrinhos junto ao Capitão, cujo nome ficou conhecido, posteriormente, como Soldado Invernal, que é foco o segundo filme analisado no presente trabalho, que será aprofundado mais adiante.

Capitão América foi adaptado para a televisão pela primeira vez em 1944, no seriado homônimo, apenas três anos após o lançamento dos quadrinhos, enfrentando o vilão Escaravelho, que ameaça usar um aparelho roubado para dominar o mundo, apesar de não

⁷ Segundo McCloud as histórias em quadrinhos são imagens periódicas e outras justapostas em sequência deliberada que são destinadas à transmissão de informações e a produzir respostas no espectador. (MCCLOUD, p. 9) (figura 5) As histórias em quadrinhos são uma sequência de imagens e diálogos, que envolvem uma história específica ou também pode trazer informações sobre diversos temas. São conhecidas como *Comic* nos Estados Unidos. No Brasil são chamadas de histórias em quadrinhos, ou abreviadas para HQ. Elas vão de romance até super-heróis, uma vez que abordam temas variados.

representar a ameaça do nazismo, dava alusão à máfia, que era um problema recorrente na década de 40 nos Estados Unidos. Este seriado não teve muito sucesso e foi cancelado, apesar de ter sido absurdamente caro para produzir. (UOL, 2013)

Em 1966 passou a ser transmitido um seriado animado, conhecido como *The Marvel Super Heroes*, de produção estadunidense-canadense, onde foi a primeira série de TV da Marvel Comics. Ela compilava as aventuras já mostradas nas histórias em quadrinhos, durante o contexto da Segunda Guerra Mundial, com foco no vilão *Red Skull*, ou Caveira Vermelha, cujo nome era Johann Schmidt, que foi recrutado e treinado pelo próprio Hitler, que lhe deu, no final do treinamento, uma máscara de caveira vermelha que representava a supremacia nazista. O vilão também mostrado no filme *Capitão América* de 1990 e no *Capitão América - O Primeiro Vingador*, de 2011. A série foi feita inteiramente com cenas dos quadrinhos, em um processo de xerografia, uma vez que a produção era precária e a única animação que constava nela era a movimentação dos lábios dos personagens e as vezes dos braços e das pernas. (INFANTV, s/d)

Em 1979 houve uma nova adaptação, abandonando o foco no nazismo, que era muito abordado nas primeiras histórias em quadrinhos. O filme é focado em um ambiente urbano e contemporâneo com o super-herói atuando como um agente secreto no combate contra o terrorismo, este filme trouxe uma sequência, ainda no mesmo ano, *Capitão América II (Captain America II Death too soon)*, ainda que o primeiro tenha tido pouca aceitação de público e crítica, a continuação foi lançada, por já ter sido gravada. (OMELETE, 2000)

Demorou uma década para que, em 1990, fosse lançado outro filme do *Capitão América*, cuja história é semelhante a dos quadrinhos, da série animada e do filme *Capitão América - O Primeiro Vingador* de 2011, que mesmo tendo algumas mudanças na história, o vilão ainda continuava sendo o Caveira Vermelha. (OMELETE, 2000)

Em 2011, 2014 e 2016, durante os governos de Barack Obama, foram lançados os três filmes que são o foco do presente trabalho. Além dos filmes próprios, o personagem *Capitão América* é uma figura de liderança nos filmes “*The Avengers - Os Vingadores*” (2012) e “*Os Vingadores: Era de Ultron*” (2015).

A autora Luciana Zamprogne Chagas faz uma análise de algumas revistas em quadrinhos, que cabe aqui ressaltar, para um melhor entendimento sobre a criação do personagem, o objetivo dessa criação e o desenvolvimento do mesmo. Como já foi mencionado no início do capítulo, observa-se que nas primeiras aparições do Capitão América nas revistas em quadrinho o ódio pelos nazistas era evidente, uma vez que em uma das capas, o super-herói é mostrado dando socos no próprio Hitler. A autora salienta:

É importante pensar, também, no impacto visual que essa capa trouxe a quem a leu em 1941 e a quem lê agora. Confeccionada com o intuito de fortificar o sentimento patriota e nacionalista nos soldados e cidadãos estadunidenses, ela tenta demonstrar algo como a Alemanha nazista, e conta com uma grande bandeira do partido ao fundo, e diversas outras suásticas espalhadas pela cena. (CHAGAS, 2008, p. 144)

Além disso, a autora cita que na capa, enquanto o super-herói bate em Hitler, há três soldados no fundo tentando impedi-lo, atirando contra ele. É como se o Capitão América fosse os próprios Estados Unidos impedindo toda Alemanha nazista. (CHAGAS, 2008, p. 144)



Figura 1: Capa da primeira revista em quadrinhos do Capitão América
(Fonte: BOL FOTOS, O melhor do Capitão América em 25 HQs)

Há também, segundo a autora, mensagens na capa que mostram que o inimigo é fraco por precisar elaborar planos de espionagem e sabotagem e que todo um exército luta apenas contra um soldado estadunidense. (CHAGAS, 2008, p.144) Ou seja, não importa o tamanho da ameaça, os Estados Unidos sempre serão maiores que ela, sempre serão imbatíveis.

No final da Segunda Guerra Mundial, Capitão América é congelado, dando fim do foco ao nazismo. Cerca de vinte anos depois ele é acordado pelos Vingadores em um contexto completamente diferente, onde o inimigo passa a ser outro. No contexto da Guerra Fria, onde a conjuntura política e social era outra, o super-herói passa a lutar pela justiça e a liberdade, sendo esse o foco das novas revistas em quadrinhos.

O drama desse período ilustra algo que o povo estadunidense percebe, de alguma forma: as falhas que existem no governo, tão suscetível a corrupção e a erros como qualquer outro. Contexto bem diferente da credulidade cega que havia na década de 1940. (CHAGAS, 2008, p. 150 e 151)

Como analisa a autora, levando em consideração esse contexto, onde os movimentos sociais surgem, o novo ajudante do super-herói, que ficou conhecido como Falcão, é um rapaz negro, pobre, nascido na periferia de Nova York, era um criminoso que estava sob comando do Caveira Vermelha, entretanto, ele se rebela e passa a lutar ao lado de Capitão América. (CHAGAS, 2008, p. 148)

É importante mencionar, que o personagem não lutava mais cegamente pelo governo, deixando de lado o que ele defende e acredita. Ele lutara pela liberdade e justiça da população. A autora cita um exemplo que ocorre em uma das revistas:

Em uma de suas histórias, vemos o Capitão América desistir de seu uniforme, após ser pressionado pelo governo estadunidense a realizar uma missão que iria contra os seus preceitos morais. (CHAGAS, 2008, p. 149)

Outro exemplo disso é o foco do terceiro filme, onde o super-herói vai contra a segurança apoiada por um grupo de sua equipe, uma vez que ele defende a liberdade acima de tudo. Além de ser uma alusão ao que está ocorrendo durante aquele momento no país, que são as espionagens feitas pelo governo. Ou seja, o super-herói se volta não só ao governo estadunidense, mas contra sua própria equipe, deixando claro que seus ideais de liberdade, justiça e sua moralidade são mais importantes.

Capitão América volta a sair de circulação no fim da Guerra Fria, sendo exatamente a mesma coisa que ocorreu no fim da Segunda Guerra Mundial.

O fim da Guerra Fria, a queda do Muro de Berlim e o neoliberalismo – que propunha diminuir, de certa forma, o poder do Estado -, trazem como uma das consequências, o crescimento das ideias de anti-nacionalismo e de individualidade,

na construção de “self” contemporâneo. O mundo entra em um período de “paz” mundial e um soldado vestido de bandeira vira uma peça de museu. Com alguns arcos e tentativas frustradas de encaixar o super-herói na realidade presente, novamente, o Capitão sai de circulação. (CHAGAS, 2008, p. 151)

Seguindo na mesma ideia acima, o mesmo ocorre após o atentado às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001, onde há um novo inimigo e o Capitão América volta e precisa combatê-lo. Com isso, percebe-se mais uma vez a imagem que quer ser passada, a de um país invencível, onde ninguém pode derrubá-lo. Além de ser um país muito preocupado com a população, como cita a autora:

Logo após o 11 de setembro, em uma jogada de marketing fantástica, a Marvel espalhou diversos cartazes por Nova Iorque com o Capitão América estampado na maioria delas em mensagens de pesares pelo atentado – além disso, ela vendeu esses cartazes pela internet e o dinheiro arrecadado foi para as famílias dos bombeiros que morreram tentando salvar as vítimas. (CHAGAS, 2008, p. 152)

Outro ponto importante levantado pela autora, é que se deve levar em consideração, além do contexto em que as HQs foram criadas, as pessoas que as produzem, pois John Ney Rieber, quem escreveu a terceira fase das revistas em quadrinhos do Capitão América, mostra um Capitão diferente das outras histórias. Na versão de Rieber, o super-herói é introspectivo e que pensa na consequência de seus atos antes de agir. (CHAGAS, 2008, p. 153)

Nota-se que na versão criada por Rieber, mesmo havendo luta contra terroristas muçulmanos, o autor critica a Guerra declarada por parte do governo estadunidense contra os muçulmanos nos quadrinhos lançados antes dos dele. Além de mostrar o Capitão ajudando jovens árabes, o objetivo do autor é mostrar que a guerra contra os terroristas é resultado das políticas rígidas feitas pelo governo dos Estados Unidos. (CHAGAS, 2008, p. 153)

Rieber criticava abertamente as atitudes do governo estadunidense, uma vez que além de dizer que a guerra era consequência das políticas do governo, ele menciona também que o exército estadunidense mata inocentes e que o sonho americano é questionável. (CHAGAS, 2008, p. 154) No discurso do Capitão fica evidente o objetivo de Rieber em mostrar sua mudança: “Pelas leis deste governo... quer você queria quer não... todo americano é cúmplice das trevas que este país espalha pelo planeta... ao pagar seus impostos (Capitão América #11, 2002 apud CHAGAS, 2008, p. 154) Rieber sofre consequências por isso, uma vez que o discurso é considerado terrorista. Após isso ele abandona seus quadrinhos.

Em 2006 é lançada a HQ Guerra Civil, onde volta àquele personagem que defende a liberdade e justiça, como já foi mencionado anteriormente. Entretanto, a diferença é que o inimigo não é mais externo, e sim interno. O Capitão volta-se contra à sua própria equipe que defende a segurança. A análise da HQ, bem como a do filme será feita mais adiante.

Sobretudo, após mostrar as mudanças do personagem nas HQs, é importante descrever também como foi sua origem no primeiro filme, mesmo sendo praticamente a mesma contada nos quadrinhos e a abordada no filme de 1990, porém, nota-se algumas diferenças. Na HQ, assim como no filme, Steve Rogers, que era seu verdadeiro nome, nasceu em Nova York no dia 4 de julho de 1920, data onde se comemora a independência americana. Rogers cresceu com grandes dificuldades econômicas e problemas familiares, o que não é muito mostrado no filme, uma vez que é dada ênfase à sua doença e fragilidade, já que possuía um físico pequeno e era pouco desenvolvido. (CAPITÃO AMÉRICA- O PRIMEIRO VINGADOR, 2011) Nota-se que o objetivo dos quadrinhos, assim como do filme, no que tange o físico de Steve, era encorajar jovens que possuíam características semelhantes, que se inspirassem nele e não desistissem de entrar no exército e lutar pelo seu país.

Steve, indignado com a guerra e com as pretensões dos nazistas, tenta inúmeras vezes entrar para o exército, entretanto, suas condições, já citadas acima, não permitiam que ele conseguisse. Sendo assim, ele falsificara seu endereço toda vez que era recusado. Em uma das vezes, Steve conhece o médico Abraham Erskine do departamento estratégico, que lhe dá uma chance, aprovando-o no teste. Esse departamento estratégico era uma iniciativa dos aliados, que tinha como objetivo criar o melhor exército, tornando os soldados em supersoldados, na tentativa de derrotar Hitler. (CAPITÃO AMÉRICA- O PRIMEIRO VINGADOR, 2011)

Após passar por todo treinamento do exército e ser um grande fracasso, Rogers é levado à base onde lhe é injetado o soro. O objetivo era injetar o soro em todos os soldados, porém, um agente nazista que estava infiltrado explode o local e Steve acaba sendo o único supersoldado. Além disso, o soro tinha como objetivo intensificar tanto as emoções como o físico, nesse sentido, o médico acreditava que a bondade de Steve poderia aumentar, desta forma, se tornaria um super-herói. A sequência é a mesma da HQ, Erskine diz que Steve deve se chamar Capitão América, fazendo uma alusão à própria América quando menciona que ele

ganhará força e coragem para proteger o país de inimigos externos. (CAPITÃO AMÉRICA- O PRIMEIRO VINGADOR, 2011)

Apesar de não ser mostrada nos quadrinhos e nem nos filmes a orientação política do personagem, há muitos autores que realizaram análise acerca do tema, chegando à conclusão de que Capitão seria de centro-esquerda, considerando o papel da América no mundo. Em âmbito interno, nota-se, a partir dessa perspectiva, que o personagem teria uma aproximação com os democratas, pois há um desentendimento dele com Republicanos, em diversos momentos nos quadrinhos. (KRANZ, 2015, p. 52) É o que ocorre nos filmes que serão analisados no presente trabalho, uma vez que foram lançados durante o governo do democrata Barack Obama, bem como os filmes dos Vingadores. Ficando claro que a mensagem passadas nestes filmes vai de encontro aos interesses da agenda do presidente, convergindo inclusive com o seu posicionamento político-ideológico. Outro fato deixa mais evidente essa aproximação com os democratas, mesmo que as desavenças com os republicanos tenham acabado com o tempo:

No final da década de 1980, a corrupção norte-americana, no universo Marvel, levaria Steve Rogers a renunciar uma vez mais ao posto de Capitão América e assumir o manto de “o capitão”. Este ato de renúncia, uma vez mais, coincidia com a ascensão da administração republicana. As desavenças com as posições republicanas acabariam desaparecendo após os eventos de 11 de setembro de 2001, uma das demonstrações da grande alteração na proposta da *Comic Book* naquele momento (KRANZ, 2015, p. 52 e 53)

Para concluir, nota-se a evolução do personagem Capitão América ao longo das revistas em quadrinhos, assim como nos filmes que serão analisados posteriormente. Onde de primeira mão, o super-herói lutava cegamente contra o nazismo. Logo após acordar da hibernação, seu foco é outro, liberdade e justiça, como já foi mencionado, onde fica evidente no segundo e terceiro filme. Entretanto, apesar de mudar o foco, levando sempre em consideração os contextos tanto das HQs quanto dos filmes, o objetivo do personagem é sempre claro, proteger o seu país acima de tudo, não deixando que nada afete sua população. Porém, nunca deixando de lado seus ideais de liberdade, uma vez que, apesar de lutar sempre pelo seu país, não faria nada ao qual ferisse a liberdade da população, que fica claro em vários momentos, onde o super-herói se volta contra o governo estadunidense.

Depois nota-se um super-herói mais centrado, completamente diferente daquele primeiro, que lutava com seus instintos, e que nada podia ameaçar seu país e agora ele lutava até contra a xenofobia, sendo uma grande diferença daquele super-herói que estava presente da Guerra do Vietnam, Guerra do Iraque e Afeganistão.

3 ANÁLISE POLÍTICA CRÍTICA DE FILMES

Para se reconhecer os elementos de *Soft Power* em um filme é necessário entender como é feita a análise de forma crítica e atenta para destacar elementos políticos que auxiliam na manutenção da hegemonia. Como destaca Kellner, “A hegemonia funciona por exclusão e marginalização, assim como por afirmação de posições ideológicas específicas.” (KELLNER, 2001, p. 149) e ainda “A cultura da mídia, assim como os discursos políticos, ajuda a estabelecer a hegemonia de determinados grupos e projetos políticos.” (KELLNER, 2001 p.81)

Kellner critica como a cultura da mídia pode influenciar a população, pois é uma forma comercial e que vende muito. “Seus produtos são mercadorias que tentam atrair o lucro privado produzido por empresas gigantescas que estão interessadas na acumulação de capital.” (KELLNER, 2001, p. 9) O autor enfatiza que:

(...) a cultura contemporânea da mídia cria formas de dominação ideológica que ajudam a reiterar as relações vigentes de poder, ao mesmo tempo que fornece instrumental para a construção de identidades e fortalecimento, resistência e luta. Afirmamos que a cultura da mídia é um terreno de disputas no qual grupos sociais importantes e ideologias políticas rivais lutam pelo domínio, e que os indivíduos vivenciam essas lutar por meio de imagens, discursos, mitos e espetáculos veiculados pela mídia. (KELLNER, 2001, p.10 e 11)

A cultura da mídia é também uma forma de força dominante de socialização, onde as imagens mostradas na televisão, bem como as celebridades, fazem com que a pessoa substitua sua família, valores e pensamentos próprios para novos modelos de identificação, baseados no que estão vendo na TV e passem a identificar-se com aquilo, com as imagens vibrantes e estilosas, com a moda e comportamento. (KELLNER, 2001, p.27) Mais a diante o autor reforça isto, e é onde podemos dizer que a imagem passada nos filmes do Capitão América induzem os indivíduos a admirarem o personagem, e desejarem ser como ele.

(...) a narrativa tenta levar o espectador a identificar-se com certas personagens e depois opõe obstáculos no caminho para os objetivos que o público é levado a desejar que elas atinjam. Quando a narrativa permite que esses desejos sejam satisfeitos, ao criar o par romântico e o heroísmo militar do fim, o público é levado a sentir essas vitórias como coisas boas e a identificar-se com os valores e os comportamentos celebrados. (KELLNER, 2001, p. 122)

Ou seja, não é relevante a forma como os personagens chegaram a tal vitória, o que importa é sempre que ele chegou à vitória, derrotou seu inimigo e levou paz ao seu país. E mesmo assim, o indivíduo deseja se parecer com o personagem, sente-se também representado por ele.

Desta forma, o autor salienta que essas formas de cultura da mídia são evidentemente políticas e ideológicas, e que para o indivíduo não cair nessa manipulação midiática, é importante saber analisar politicamente e criticamente as imagens chegadas até eles, através da mídia. Só assim este indivíduo será resistente à essa manipulação e a essa dominação. (KELLNER, 2001, p. 76)

(...) ler politicamente a cultura da mídia significa situa-la em sua conjuntura histórica e analisar o modo como seus códigos genéricos, a posição dos observadores, suas imagens dominantes, seus discursos e seus elementos estético-formais incorporam certas posições políticas e ideológicas e produzem efeitos políticos. (KELLNER, 2001, p. 76)

Outra crítica mostrada pelo autor, que é de grande relevância ser mostrada aqui, pois fica evidente nas características do personagem e nos filmes é que as representações, bem como as cenas, mostram discursos políticos em que as pessoas acabam aceitando certas posições políticas as vezes sem perceberem, assim como “ a necessidade de os guerreiros masculinos protegerem e redimirem a sociedade.” (KELLNER, 2001, p. 83) Esse guerreiros masculinos incorporam características padrões que ficam evidentes por exemplo no personagem no Capitão América, onde:

A ideologia pressupõe que “eu” sou a norma, que todos são como eu, que qualquer coisa diferente ou outra não é normal. Para a ideologia, porém, o “eu”, a posição da qual a ideologia fala, é (geralmente) a do branco masculino, ocidental, de classe média ou superior. São posições que veem raças, classes, grupos e sexos diferentes dos seus como secundários, derivativos, inferiores e subservientes. (KELLNER, 2001, p. 83)

O autor Roberto Moll, reforça nos mostrando que os *indexes*, que será detalhado seu conceito mais abaixo, podem retratar esse “eu” citado acima também que podem aparecer por meio de super-heróis que possuem “características que reforçam os padrões comerciais de beleza construídos nos países centrais, com olhos azuis ou cabelos claros, para remeter à

bondade.” (MOLL, 2016, p. 277) Com isso, observa-se que o ator Chris Evans, que interpreta o personagem do Capitão América, se encaixa exatamente nesses padrões.

Além disso, Kellner reforça que a ideologia faz parte de um grande sistema de dominação que faz com que aumente a opressão quando legitima forças e instituições que reprimem e oprimem. Além desse sistema de dominação, a ideologia faz parte de um sistema de abstrações e distinções entre sexo, brancos e negros e classes altas e classes mais baixas. (KELLNER, 2001, p.84) O autor reforça que a ideologia...

constrói divisões entre comportamento “próprio” e “impróprio”, enquanto erige em cada um desses domínios uma hierarquia que justifique a dominação de um sexo, uma raça e uma classe sobre os outros em virtude de sua alegada superioridade ou da ordem natural das coisas. (KELLNER, 2001, p. 84)

Esse apontamento trazido por Kellner fica claro nos filmes do Capitão América onde o super-herói é o líder de sua equipe, que é constituída pela maioria branca, tendo apenas um super-herói negro e apenas uma mulher.

Para Kellner, é importante analisar as figuras, as imagens fílmicas, pois é nelas que constam, de forma subliminar ou não, textos da cultura popular que constituem a imagem política por meio da qual, os indivíduos veem o mundo e da forma como interpretam tanto processos quanto eventos e personalidades políticas. (KELLNER, 2001, p. 82) Ele reforça:

Numa cultura de imagem dos meios de comunicação de massa, são as representações que ajudam a construir a visão do mundo do indivíduo, o senso de identidade e sexo, consumando estilos e modos de vida, bem como pensamentos e ações sociopolíticas. A ideologia é, pois, tanto um processo de representação, figuração, imagem e retórica quanto um processo de discurso e ideias. (KELLNER, 2001, p. 82)

O autor Roberto Moll complementa o raciocínio de Kellner, mostrando que os filmes e as séries possuem uma representação e figuração imagética das percepções do mundo, e é nessas figurações imagéticas que estão presente os discursos políticos que levam o indivíduo a um sentimento e engajamento em determinadas posições políticas e que o público não tem chance de ver outras posições políticas a não ser àquela que lhe é mostrada nos filmes e séries. (MOLL, 2016, p. 274 e 275) Além disso, o autor menciona que:

Analisar as imagens de filmes e séries como base para compreender a conjuntura internacional não é inventariar imagens. É analisar as possibilidades da imagem como construção de sentido sobre a percepção do internacional e sua incidência sobre o espectador. Em outras palavras, esse tipo de análise “recai sobre a produção simultânea da imagem e do sujeito observador onividente”. É preciso compreender os filmes e séries como artefatos que, por meio de imagens, amplificam e fornecem estratégias de dominação no plano nacional e internacional. E, ao mesmo tempo, como produto sistêmico que oferece imagens de aludem a outras imagens, inseridas em uma rede de relações dos espectadores. Portanto, tomar a produção de filmes e séries é como engenharia da simulação, imagens que remetem a imagem, fluxos de simulacros. (MOLL, 2016, p. 275)

Além disso, Moll cita outro autor, que compartilha do mesmo raciocínio, onde menciona que o sentido da imagem, ou seja, o signo fotográfico é a relação entre significante, que é a imagem mostrada na TV e o significado, que são imagens construídas na cabeça do telespectador a partir da imagem evocada na tela. (CONSTANZO apud MOLL, 2016, p. 276)
O autor complementa que:

Os filmes e séries são tão naturais que o espectador esquece que o significante (a imagem da tela) não é o significado (a imagem imaginada) e que o signo (a relação entre significante e significado) não é referente (aquilo que foi filmado). Assim, as imagens dos filmes e séries aparecem como se fossem imagens do mundo real transferidas diretamente para tela. (CONSTANZO apud MOLL, 2016, p. 276)

Ou seja, a pessoa apenas entende a mensagem do filme quando analisa ele detalhadamente, entendendo desta forma, a manipulação por trás de cenas que aparentemente não possuem nenhuma conotação ideológica. Por exemplo, ao assistir os filmes do Capitão América, o espectador capta aquilo que os produtores querem mostrar, apenas aquela figura masculina invencível e heroica, mas podem não perceber que o mesmo representa os interesses dos Estados Unidos, e também não percebem que estão sendo manipulados.

Assim como é importante analisar as imagens que estão sendo mostradas nos filmes, é de extrema importância analisar o discurso ideológico evidente ou não nos diálogos de filmes, bem como a persuasão presente nos mesmos. “A política da representação examina as imagens e as figuras ideológicas, assim como os discursos, que transcodificam as posições políticas dominantes e concorrentes numa sociedade. (KELLNER, 2001, p.82)”

Sendo assim, para entender a conjuntura política internacional, por meio da análise das imagens de filmes e séries não se deve apenas listar, catalogar tais imagens, é necessário também analisar como estas constroem sentidos sobre a percepção do internacional bem como

sua reflexão sobre o espectador. Pois é através dessas imagens que ocorre a dominação no plano nacional, assim como no internacional. E daí, vem a necessidade de compreender a imagem passada nos filmes e séries. (MOLL, 2016, p. 275)

Além disso, para uma análise mais aprofundada é importante observar estes signos que o autor mostra, que são extremamente importantes de observar no momento de se fazer a análise. Os signos podem ser chamados de *indexes*, ícones e símbolos. “Os *indexes* servem, muitas vezes, como um tipo de linguagem figurada que pode dizer muito sobre como empresários, produtores e diretores percebem o mundo.” (MOLL, 2016, p. 277) Ou seja, *index* é o que mostra os personagens como vilões ou como mocinhos, lugares horríveis ou lugares agradáveis nas cenas de cada filme. Além de “carregar uma ligação física com o referente ainda que não sejam semelhantes, como a fumaça que indica fogo” (MOLL, 2016, p. 276)

Os *indexes* podem mostrar também estrangeiros negativamente, assim como mostram com positividade o personagem super-herói diante de um mundo caótico e negativo, mostrando uma narrativa onde mostra um mundo, onde o “eu” é o ideal, é um exemplo a ser seguido. (MOLL, 2016, p. 277)

Quanto aos ícones, Roberto Moll explica que “é aquilo que guarda similaridade com o referente, como fotografias e sons.” (MOLL, 2016, p.276) É uma combinação de iluminação, movimentos e cores específicas de cada cena, uma vez que são únicas e jamais se repetem.

Os ícones são conhecidos como *frames*, a menor unidade fílmica discernível, as fotografias fixas individuais. Um filme de longa-metragem tem, aproximadamente, 130.000 *frames*, que são projetados na tela em sequência e em velocidade. A contínua sequência de *frames* forma a menor unidade funcional de um filme, os planos que podem ser combinados e recombinaados a fim de formar significados. (CONSTANZO apud MOLL, 2016, p. 278)

Já os símbolos “são signos arbitrários, que dependem de acordos de interpretação, como as bandeiras nacionais em relação aos países.” (MOLL, 2016, p. 276) Um exemplo disso são as cores da vestimenta do Capitão América sendo as mesmas da bandeira dos Estados Unidos.

A iluminação é o instrumento primordial no que refere à escrita da imagem e o espectador deve mostrar uma atenção significativa. Para Moll, a iluminação alta é a que passa

uma sensação de sutileza, expressividade, vida. Diferentemente da iluminação baixa, que transmite uma sensação de mistério e medo. Já a iluminação frontal, mostra a inocência do personagem, ao oposto da iluminação inferior, aquela que de baixo para cima, faz o personagem parecer misterioso ou amedrontador. (MOLL, 2016, p. 278) Sendo assim, o espectador, sabendo destas técnicas, fica mais simples entender a intenção do diretor de mostrar o personagem como herói ou mocinho.

Assim como a iluminação, o sistema de cores é importantíssimo, pois é “utilizado de acordo com o código social de épocas, lugares e situações, pode expressar o estado de espírito dos personagens e cenários.” (MOLL, 2016, p. 278-279) “[...] é importante ter atenção às cores como ferramenta que qualifica e confere significado às imagens dos filmes.” (MOLL, 2016, p. 279) O autor explica o significado de cada cor:

O vermelho pode inferir sensualidade, violência ou revolução. O rosa pode expressar ingenuidade, romantismo ou ternura. O preto pode ressaltar respeito, isolamento, medo ou solidão. O marrom pode qualificar personagens e cenários com seriedade. O branco pode transmitir paz, pureza ou limpeza. O dourado pode expressar riqueza. O amarelo qualifica com luz, calor ou alegria. O azul induz à tranquilidade, à serenidade ou à harmonia. Nos filmes e séries que retratam as relações internacionais, a preponderância de azul e branco em um ambiente ou personagens remete à tranquilidade. Por outro lado, o vermelho e o preto podem remeter à violência e à morte. (MOLL, 2016, p. 279)

Desta forma, como já foi mencionado mais acima, as cores do traje do Capitão América são as mesmas cores da bandeira dos Estados Unidos, assim como seu escudo, que possui as mesmas, e as cores do traje do soldado invernal são semelhantes as dos soldados soviéticos, levando em consideração que o vilão possui uma estrela vermelha no braço esquerdo, semelhante à da URSS. A partir disso, nota-se a alusão entre EUA e URSS, onde o Capitão América, representando os interesses estadunidenses remete à tranquilidade, já o soldado invernal, representando a URSS, sendo o inimigo, remete à violência e a morte.

O autor reforça dizendo que durante a Guerra Fria, os filmes feitos nos Estados Unidos, os soldados soviéticos eram sempre retratados com roupa preta e vermelha, uma vez que davam alusão à relação dos símbolos comunistas à violência. (MOLL, 2016, p. 279)

Outra ferramenta fundamental para análise é o enquadramento das cenas, pois...

Os diretores e produtores demarcam o que o espectador pode ver, com limites de ângulos selecionados, caracterizando os personagens e os espaços em suas relações. Portanto, os espectadores só podem interpretar essas relações com base no que e como a câmera deixa ver. (MOLL, 2016, p. 279)

Os efeitos do enquadramento devem ser investidos mais profundamente quando se deseja construir uma análise da conjuntura internacional por meio de filmes e séries, pois é nele que é mostrado o positivo do “eu” e do lado negativo do “outro” e as ações e as reações dos personagens por meio dos diálogos no que diz respeito a temas internacionais, por exemplo. (MOLL, 2016, p. 280)

Além disso, os diretores dos filmes e séries mostram apenas o que o espectador pode ver, dando limites aos ângulos, selecionando-os, caracterizando personagens e espaços em suas relações. Ou seja, os diretores fazem com que os espectadores interpretem essas relações com base no que eles querem mostrar, apenas no que a câmera mostra. (MOLL, 2016, p. 279)

Por fim, é de extrema importância analisar também os discursos abordados nos filmes, pois é através deles que são mostradas as emoções dos personagens que são passadas ao espectador. Moll menciona que “o discurso, compõe um sistema simbólico que constitui o poder e constrói hegemonia.” (MOLL, 2016, p. 284) E explica como as análises dos discursos devem ser articuladas:

1): a análise da conjuntura; 2) a análise da prática particular, com ênfase para a relação entre a prática do discurso e o momento particular que está em foco; 3) a análise do discurso, orientada para a relação do discurso com os outros discursos do mundo fílmico e do mundo real. (MOLL, 2016, p. 285)

Além disso, o autor salienta que é de grande relevância analisar as vozes incluídas ou não nos filmes e séries, é analisar quem tem o direito de falar e quem não tem, de quem é silenciado. Também é relevante entender a linguagem do diálogo e a polifonia, pois os discursos podem representar os discursos do mundo real. (MOLL, 2016, p. 285)

Ao observar cada detalhe dos filmes, bem como os ícones, os *indexes*, a iluminação, o sistema de cores, os diálogos, enquadramentos podemos entender o sentido de cada uma dessas ferramentas, assim é possível construir uma análise aprofundada e entender o que o diretor desejava mostrar ao espectador e que tipo de reação esperava receber, que alterações esperava causar na opinião pública, externa e interna e quais motivos o levaram a investir

nesta prática visando este fim. Tornando-se assim, mais transparente a análise dos filmes do Capitão América, uma vez que serão aplicados, em tal análise, os conceitos mencionados acima.

4 CAPITÃO AMÉRICA- O PRIMEIRO VINGADOR: CONTEXTO HISTÓRICO E ANÁLISE POLÍTICA CRÍTICA

O tema central do primeiro filme do Capitão América é o combate do líder de uma organização nazista denominada HIDRA que se torna mais forte que e o próprio Hitler. Conhecido como Caveira Vermelha, os interesses do vilão partem das mesmas premissas do nazismo, entretanto, ele expande esses interesses e tenta acabar com o mundo. Capitão América então tenta impedir o vilão. Desta forma, é importante explicar o que foi o nazismo para entender não só os objetivos do vilão, mas contra o que o super-herói luta.

O nazismo foi um regime totalitário que surgiu na Alemanha em 1919 e durou até o final da Segunda Guerra Mundial com a queda de Hitler. Sendo o nazismo uma forma do fascismo italiano de Mussolini, cabe aqui então detalhar o que foi ambos os regimes para melhor entender quem era o inimigo do Capitão América no primeiro filme e contra quem o super-herói lutara.

Como menciona o professor João Pedro Ricaldes dos Santos, “O fascismo (na Itália) e o nazismo (na Alemanha) foram dois regimes políticos totalitários, isto é, duas formas de controle total do Estado sobre todos os aspectos da vida social.” (SANTOS, s/d, p.1) Além disso, os regimes se caracterizavam por ter um sentimento nacionalista e antidemocrático muito forte, além de contar com apoio da elite empresarial. É importante mencionar também que eles surgiram no período entre guerras, sendo mais forte na Segunda Guerra Mundial, pois se uniram às potências do Eixo (Itália, Alemanha e Japão) contra os aliados, que eram os Estados Unidos, União Soviética, França e Inglaterra. (SANTOS, s/d, p.1)

O nazismo foi uma forma de fascismo que Hitler adotou, e este último só ganhou força e ascendeu significativamente quando vigorara na Alemanha, o que será explicado posteriormente. Além disso, o nazismo foi uma forma extrema do movimento fascista, uma vez que Mussolini não tinha pretensões antissemitas (atitude política que pregava o ódio contra judeus) antes de o nazismo ganhar força, como explica o autor Hobsbawm, que será detalhado abaixo. Como diz o autor “Não é fácil discernir, depois de 1933, o que os vários tipos de fascismo tinham em comum, além de um senso geral de hegemonia alemã.” (HOBSBAWM, 1998, p. 120)

Houve muitos movimentos fascistas pelo mundo inteiro, mas o primeiro, o que deu origem a todos os outros, foi o fascismo italiano, e que deu nome a esse fenômeno que derivou tantos outros. O movimento foi criado pelo jornalista socialista Benito Mussolini que liderou o Partido Nacional Fascista. Hobsbawm menciona que Adolf Hitler tinha muito respeito por Mussolini, mesmo quando ele e a Itália fascista se mostravam incompetentes e fracos na Segunda Guerra Mundial. Entretanto, Mussolini recebeu Hitler tardiamente e o antissemitismo esteve ausente de seu movimento até 1938. Contudo, o fascismo italiano sozinho, no começo, não conseguia influenciar pequenos movimentos em outras partes do mundo, uma vez que apenas com o triunfo de Hitler na Alemanha logo no início de 1933 que o fascismo começou a se expandir, como dito acima. (HOBSBAWM, 1998, p. 119 e 120) E ainda:

Sem a posição internacional da Alemanha como uma potência mundial bem-sucedida e em ascensão, o fascismo não teria tido impacto sério fora da Europa, nem teriam os governantes reacionários não fascistas se dado ao trabalho de posar de simpatizantes fascistas, como quando Salazar de Portugal alegou, em 1940, que ele e Hitler estavam “ligados pela mesma ideologia”. (HOBSBAWM, 1998, p. 120)

Desta forma, é importante citar quais eram os pontos de partida do fascismo. Segundo Vizontini, são quatro postulados principais: o primeiro seria o totalitarismo, pois tem como prioridade o Estado, negando o indivíduo político, defende o Estado forte e centralizado; o segundo tem como prioridade o chefe, e ele busca legitimar a centralização da autoridade em uma liderança unipessoal; o terceiro tem como prioridade o partido e este se vincula com questões de ideologia, propagandísticas de incitação à mobilização popular; o quarto e último tem como prioridade a nação, e esta constitui elementos nacionalistas e patrióticos. Este elemento é destinado à condução do expansionismo da Itália, elevando-a a níveis das grandes potências mundiais. (VIZENTINI, 2012, p. 71)

Sendo assim, é necessário aprofundar-se no que é o nazismo e em como ele surgiu. Segundo Vizontini, o Partido Nazista surgiu em 1919 e foi liderado por Adolf Hitler apenas em 1921. Foi um movimento político antiparlamentar e contrarrevolucionário e carecia de uma unidade ideológica e também de uma base ideológica que se apoiava em fontes heterogêneas. (VIZENTINI, 2012, p. 72) O autor reforça:

O nazismo apoiava-se em teorias nebulosas, românticas, místicas, medievais. Fazia apelo ao sentimento, à violência, e baseava-se no irracionalismo. Adotava uma

postura reacionária, ao buscar no passado medieval ou ariano uma “idade de ouro perdida”. O obscurantismo do fascismo alemão pretendia destruir a civilização oriunda do renascimento, do iluminismo e do liberalismo do século XIX. Era também firmemente anticomunista e antimarxista, embora manipulasse a ideia de um “nacional-socialismo”. (VIZENTINI, 2012, p. 72)

Ademais, o racismo era fortíssimo na sociedade alemã. Ele funcionava como um complemento e também um impulso ao imperialismo alemão, onde justificavam-no, uma vez que, por exemplo, a expansão para a Polônia e URSS não era apenas a vontade governamental, e sim o destino da raça eleita. O racismo era o que dava força a todos os princípios nazistas, pois os arianos, principalmente os alemães, eram considerados uma raça superior, considerando os negros, e também os judeus como raças inferiores, característica deste último, o antissemitismo. (VIZENTINI, 2012, p. 72) Vizentini reforça que:

Os germânicos, como raça superior, deveriam dominar, escravizar e até exterminar povos inteiros, diziam orgulhosamente os chefes nazistas. Quanto à questão judaica, baseava-se em parte no velho antissemitismo alemão medieval, mas constituía principalmente um “bode expiatório”, culpada de todos os males que afligiam a Alemanha: as Igrejas cristãs, o comunismo e o capitalismo financeiro (liderados pelos “judeus”, Jesus Cristo, Karl Marx e Rothschild). (VIZENTINI, 2012, p. 73)

Além do racismo exacerbado, “a ideologia nazista correspondia ao conservadorismo da classe média (pequena burguesia) alemã, e esta deu origem ao movimento e sua principal base de apoio.” (VIZENTINI, 2012, p. 73) Ou seja, a população pobre do país não possuía vantagens, pois o movimento era de extrema direita.

Ademais, Hitler era apoiado política e economicamente por uma grande parcela da polícia e da burocracia estatal, ou seja, a grande burguesia industrial e financeira alemã. Além de grandes interesses econômicos mundiais e também a direita internacional. (VIZENTINI, 2012, p. 74)

Contudo, é necessário entender como se deu o processo da chegada de Adolf Hitler ao poder. Em 1923, Hitler, junto ao Partido Nazista, que era formado por pequeno-burgueses, soldados desmobilizados e frustrados, desempregados, tentou dar um golpe de Estado contra o governo da Baviera, entretanto, o fracasso levou Hitler à prisão. A tentativa de golpe ficou conhecida como o Putsch de Munique. Na prisão Hitler escreveu sua obra *Mein Kampf* (Minha Luta) e entregou a Rudolf Hess para organiza-la. O Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) perdeu força com a recuperação econômica, mesmo que

em 1920 a conjuntura se tornava favorável à exploração política de frustrações acumuladas e renovadas. (VIZENTINI, 2012, p. 73) O autor menciona ainda que...

Os nazistas partem para a conquista de bases operárias, despolitizadas ou desiludidas, duramente disputadas com o KPD. A capitalização das frustrações patrióticas (anti Versalhes) e um populismo pseudossocialista (um “socialismo nacional” agrada ao operário conservador) dão aos nazistas também uma base operária. Numa sociedade em crise total, o lema “ein Volk, ein Reich, ein Führer”, parece suplantar as divisões sociais e partidárias. (VIZENTINI, 2012, p. 73)

Em 1933 Hitler é nomeado chanceler, logo após eleições violentas, recheadas de conspirações e golpes palacianos e regionais. Os nazistas obtiveram 11 milhões de votos, apoiados por partidos conservadores em um governo que se encontrava em coalizão, contra apenas seis votos dos social-democratas e seis dos comunistas. (VIZENTINI, 2012, p. 74)

Desta forma, Hitler ascende no poder como chanceler e em 1934 se torna o *Führer* (cargo de ditador, líder) da Alemanha, dando fim a República de Weimar que perdurou na Alemanha depois do fim da Primeira Guerra Mundial até a ascensão do nazismo, onde passou de uma democracia parlamentar ao regime ditatorial de Adolf Hitler. Esse regime ficou conhecido como Terceiro Reich ou Alemanha nazista, onde os cidadãos passaram a não ter mais os direitos básicos, uma vez que tudo ficava sob controle dos nazistas, desde as leis implementadas a lares básicos da população.

Hitler fora visto como um herói nacional, recebendo muito apoio da população, uma vez que conseguiu estabilizar a economia e gerar empregos, entretanto, a situação dos judeus estava devastadora, como já foi citado anteriormente, e a população concordava e apoiava as atitudes do *Führer*. Além disso, Hitler, com toda sua ambição fez com que Alemanha se expandisse e anexasse território, levando-a participar da segunda grande guerra.

Sendo assim, após entender o que foi o nazismo, fica mais fácil de compreender contra quem Capitão América lutara no primeiro filme, assim como nas histórias em quadrinhos e também primeiras adaptações para a televisão, uma vez que o inimigo era sempre o mesmo, um agente nazista, cujo pseudônimo era Caveira Vermelha, como já foi detalhado anteriormente, que representava os interesses de Hitler e a supremacia nazista, onde o super-herói tenta derrotá-lo.

Desta forma, iniciando a análise com o primeiro filme, cuja história se passa durante a Segunda Guerra Mundial onde Steve Rogers, um jovem raquítico e doente sonha em entrar para o exército estadunidense, tendo como objetivo derrotar os nazistas. Entretanto, devido a suas condições físicas, ele é recusado inúmeras vezes, até conhecer o Dr. Abraham Erskine que lhe oferece uma oportunidade de participar de uma experiência que criaria supersoldados. Com a morte de Erskine, Steve se torna o único supersoldado, praticamente uma arma humana. No início ele é usado como celebridade, onde através do *Soft Power* ele tenta aumentar a autoestima dos soldados. Neste momento ele passa a usar um traje com as cores da bandeira dos Estados Unidos, que será mostrado mais abaixo. Entretanto, com a ascensão do vilão Caveira Vermelha, o super-herói deixa as telas de TV, entrando em campo para derrotar o grande vilão (ADORO CINEMA, 2011). Com isso, após uma sinopse do filme, podemos dar partida à análise.



Figura 2: Primeira aparição do vilão
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Na figura 2, que é uma das primeiras cenas do filme do Capitão América – O Primeiro Vingador é mostrado o vilão Caveira Vermelha, enfrentado pelo herói. Nesta cena fica claro os *indexes* de iluminação baixa, por exemplo, que transmite a sensação de medo, além das cores sombrias mostrando que o personagem é um vilão. Logo depois, é focado no símbolo da HIDRA, enfatizando a cor vermelha, dando a alusão ao símbolo nazista e também ao que a cor representa, como citado a cima, a violência.



Figura 3: Caveira Vermelha- HIDRA
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Assim como as imagens da figura 2 e figura 3, citadas acima, é importante salientar e mostrar também o discurso ideológico feito também nas primeiras cenas do filme, como é mostrado na figura 4 e 5, em que os EUA, juntos aos seus aliados estão preparados para vencer a guerra contra as forças inimigas.

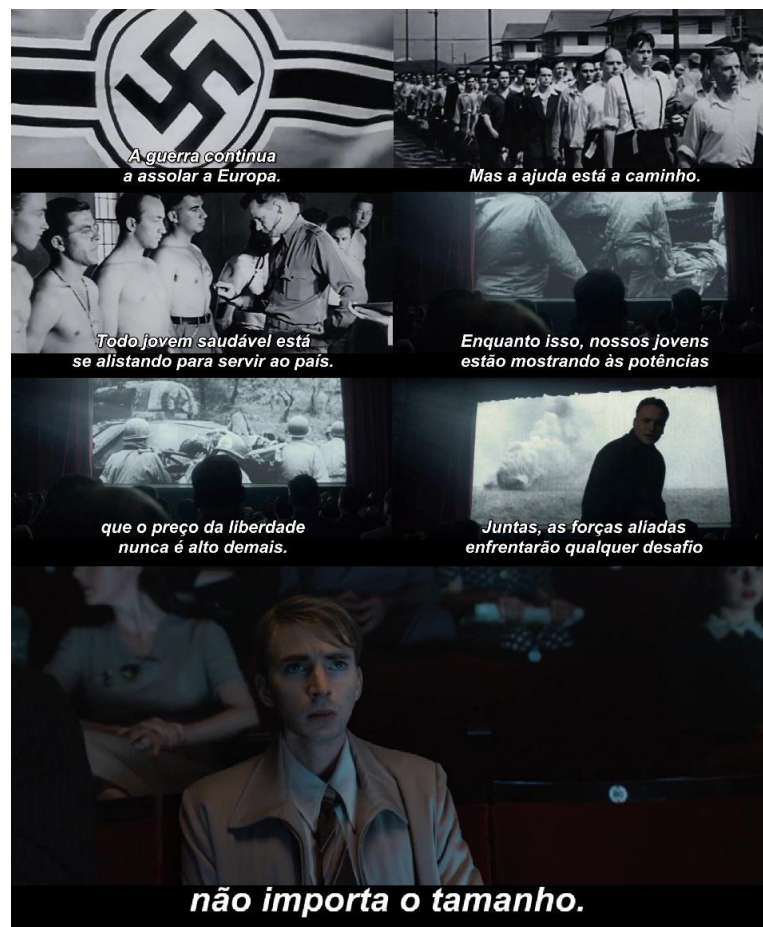


Figura 4: Discurso 1
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

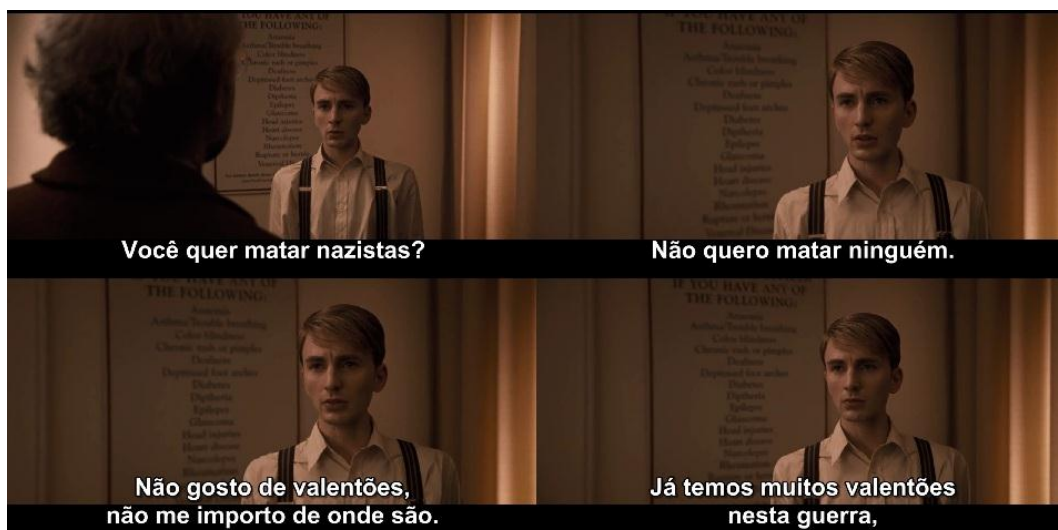


Figura 5: Discurso 2

(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Na figura 5, Steve diz que não importa o quão valentão seja seu inimigo, ele não matará, mostra a bondade do personagem, bem como a do seu país, levando em consideração que ele representa os interesses estadunidenses. Além disso, é importante se atentar à iluminação central da cena, onde mostra a inocência do personagem.

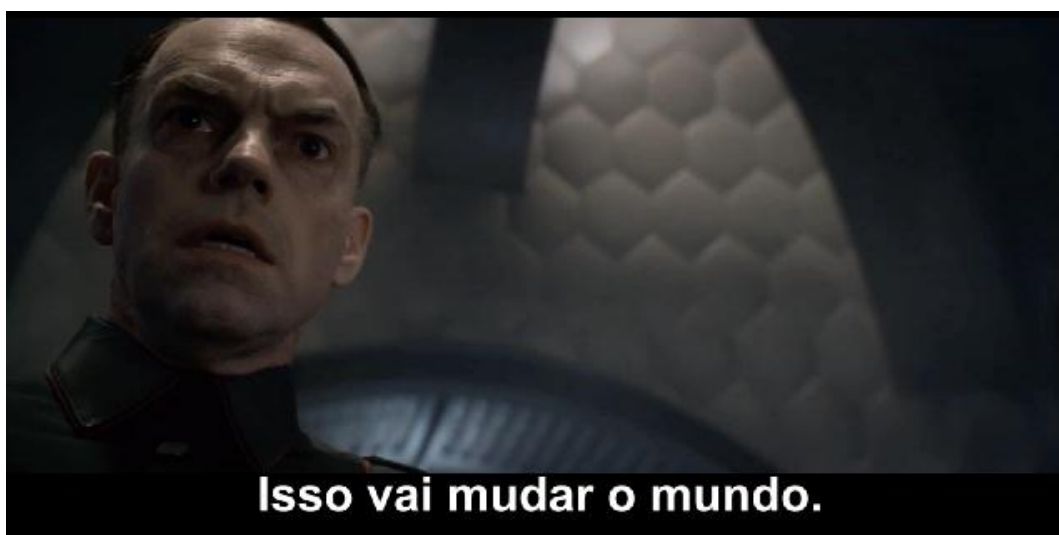


Figura 6: Johann Schmidt referindo-se ao soro do supersoldado

(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

O enquadramento da cena mostrada na figura 6, apresenta uma iluminação baixa, que transmite uma sensação de mistério e medo do vilão, como já explicado acima, além de mostrar este dizendo que o soro do supersoldado mudaria o mundo. Ou seja, seria uma ameaça aos seus interesses se o soro fosse utilizado em soldados americanos.

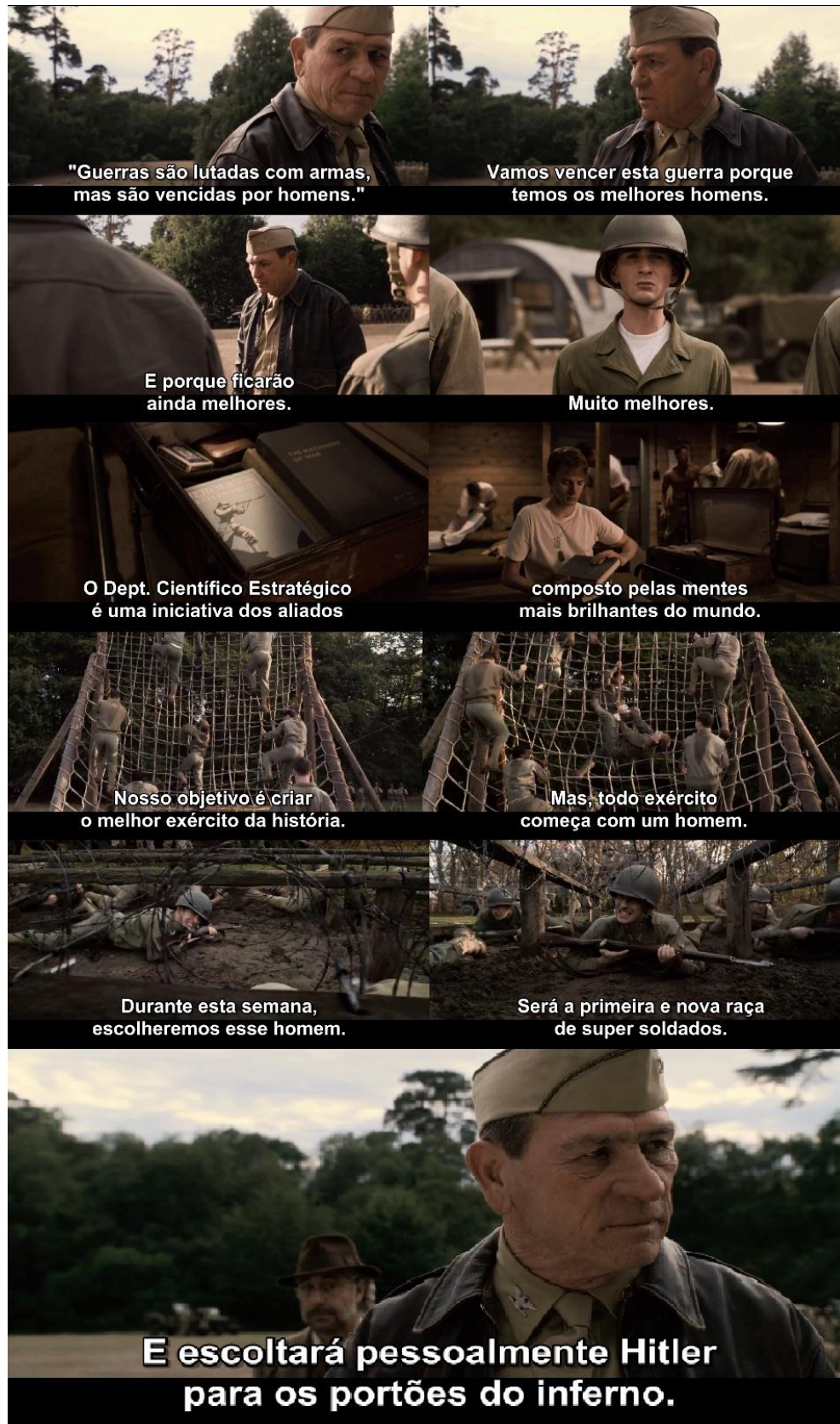


Figura 7: Discurso 3

(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Nas cenas mostradas na figura 7, observa-se o *Soft Power* no discurso ideológico feito pelo Coronel Chester Philips, uma vez que ele exalta que as guerras não são vencidas apenas pelo uso das armas e sim pela capacidade do soldado que a segura. Nesse caso, os melhores soldados são norte-americanos e que eles ainda conseguiriam ficar melhores quando fizessem o uso do soro do supersoldado, ou seja, nada nem ninguém será páreo para eles, muito menos o próprio Hitler, mencionado pelo Coronel.



Figura 8: Homem bom

(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

O objetivo do soro do supersoldado, segundo o Dr. Erskine era intensificar não só o sentimento dos soldados, como seu corpo. Segundo ele, o mal fica ainda pior e o bem fica ainda melhor. Ou seja, no momento em que Steve tomar o soro ele se tornará um forte e bondoso soldado que representará os interesses dos Estados Unidos sem usar da força ou violência e sim de sua bondade e defesa. Como é mostrado na figura 8.



Figura 9: Heil HIDRA

(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Nestas cenas, mostradas na figura 9, podemos observar que o vilão mostra que HIDRA é ainda mais forte que Hitler, ou seja, se era ruim para o super-herói combater Hitler,

HIDRA será ainda pior. Isso ocorre porque Johann Schmidt possui ambições muito maiores e severas que o próprio Hitler. Os membros da HIDRA idolatram Schmidt, uma vez que os acham invencível. Além disso, pode-se observar que o vilão sempre aparece em cenários sombrios, tendo um enquadramento e iluminação de baixo para cima, sempre mostrando o quão amedrontador ele é.

Nas figuras 10, 11 e 12, nota-se um *Soft Power* forte e explícito, onde é a primeira vez em que o super-herói aparece com a roupa em um comercial de televisão mostrando que ele é capaz de acabar com a guerra, derrotar Hitler e defender seu país de toda ameaça. O traje que a primeira vista é ridículo, mais a frente, com algumas modificações, se torna o traje oficial.



Figura 10: Comercial de TV
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)



Figura 11: Comercial de TV 2
 (Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)



Figura 12: Comercial de TV 3
 (Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)



Figura 13: Caveira Vermelha
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Na figura 13, nota-se mais uma vez a cor vermelha sendo mostrada como forma de violência. Onde o maior vilão do Capitão América é violento e amedrontador e mesmo assim o super-herói consegue derrotá-lo. Além disso, observa-se também o lugar onde o vilão se encontra, onde mais uma vez, é sombrio.



Figura 14: Steve salva os soldados
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Na figura 14, observa-se que Steve leva os soldados estadunidenses de volta são e salvos, após terem sido capturados pelo vilão Caveira Vermelha. Além de mostrar um *índice* agora não mais sombrio, pelo contrário, é um lugar ensolarado, com uma iluminação forte, a trilha sonora neste momento induz o telespectador a considerar Steve um herói, onde ele foi capaz de salvar todos os soldados das mãos de um poderoso vilão.



Figura 15: Primeira vez com o traje oficial
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Nas cenas da figura 15, nota-se o Capitão com seu traje oficial, apesar de manter as cores da bandeira, observa-se que estas são cores mais mortas, não tão vivas quanto a inicial. Além do enquadramento e os *indexes* mostrarem um Capitão mais temível, mais amedrontador. Aquelas cenas com cores e iluminação vivas foram misturadas com cores e cenários mais escuros. Apesar do personagem passar uma imagem inocente no começo, agora, como Capitão América, ele passa uma imagem mais amedrontadora, para que seus inimigos sintam medo e respeito por ele.



Figura 16: Símbolo da HIDRA semelhante ao do nazismo
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

Além do símbolo da HIDRA, mostrado anteriormente, ser uma caveira vermelha, do próprio vilão, ambos fazem alusão ao nazismo e a Hitler. Isto fica mais evidente na cena mostrada na figura 16, onde o símbolo da organização é muito semelhante, praticamente igual ao símbolo nazista.



Figura 17: Capitão América, o grande herói
(Fonte: Capitão América- O Primeiro Vingador, 2011)

No final do filme o vilão Caveira Vermelha morre e o Capitão consegue desviar o avião que estava com mísseis dentro, onde o objetivo era Nova York, deixando-o cair no gelo. Assim, o super-herói fica congelado por setenta anos, no qual é descongelado pela equipe dos Vingadores, juntando-se a eles.

Além disso, é importante mencionar que na cena mostrada na figura 17, há uma criança segurando um “escudo”, fazendo alusão ao super-herói. Ou seja, Steve supostamente morreu como um herói por salvar o mundo, e todas as pessoas admiram ele e gostariam de “ser” como ele.

5 CAPITÃO AMÉRICA 2- O SOLDADO INVERNAL: GUERRA IDEOLÓGICA E ANÁLISE FÍLMICA

Para entendermos a relação entre Steve como Capitão América e Bucky como Soldado Invernal e a alusão que os mesmos fazem aos Estados Unidos e à União Soviética, respectivamente, é importante mostrar o que foi a Guerra Fria, onde as duas potências tiveram um conflito indireto com duas ideologias completamente opostas que queriam implantar no mundo. Mesmo que não fique evidente no filme a alusão do Soldado Invernal à URSS, ao analisarmos os detalhes poderemos ver com mais clareza esta alusão, como será mostrado neste capítulo.

A Guerra ideológica, mais conhecida como Guerra Fria foi um conflito indireto entre Estados Unidos e União Soviética que teve início no pós Segunda Guerra Mundial e durou até o início da década de 1990, com a extinção da União Soviética.

Como menciona Vizontini, os resultados da Segunda Guerra Mundial foram os desencadeadores da Guerra Fria, e com isso, podemos compreender então como ela se desenrolou. Os Estados Unidos emergiram favoravelmente nesse conflito, pois ampliaram sua indústria e conseguiram abrigar os desempregados na década de 30, no pós-crise de 1929 e recuperaram-se, já que como cita o autor, não se sofreu muitas perdas humanas e não houve nenhuma destruição material. (VIZENTINI, 2004, p. 65)

O autor Eric Hobsbawm salienta que “(...) Gerações inteiras se criaram a sobra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, estourar a qualquer momento e devastar a humanidade. (...)” (HOBSBAWM, 1995, p. 224) O que, por sorte, não aconteceu, pois a guerra começou fria e terminou fria, não havendo nenhum confronto direto, mesmo que em algumas ocasiões, como na Crise dos Mísseis, em 1962 a tensão tenha sido mais forte.

Ademais, logo no fim da Segunda Guerra Mundial o equilíbrio de poder, mesmo que desigual das duas potências, não fora contestado, uma vez que aceitaram a distribuição de poder global de forças, mesmo considerando a retórica apocalíptica de ambos os lados, como menciona Hobsbawm, principalmente do lado americano. (HOBSBAWM, 1995, p. 224)

No que tange à economia, é importante salientar que a dos Estados Unidos estava forte e em crescimento durante a década de 1940, e com os pagamentos das dívidas dos outros países, no final da guerra, isso só aumentou, o que era uma grande vantagem para o país.

Sua economia tornou-se mundialmente dominante, respondendo por quase 60% da produção industrial de 1945, posição reforçada pela semidestruição de seus rivais (Alemanha, Itália e Japão) e pelo enfraquecimento dos aliados capitalistas (França e Grã-Bretanha), que tornavam-se seus devedores. (VIZENTINI, 2004, p. 65 e 66)

Nesse momento então, o capitalismo estadunidense estava crescendo significativamente, não só às custas dos países rivais, mas também as custas dos países aliados, que possuíam um capitalismo mais fraco. Já a União Soviética não se encontrava nas mesmas condições, sua economia se encontrava fraca e as perdas foram muito maiores que as dos Estados Unidos no fim da Segunda Guerra Mundial, Vizentini salienta:

(...) O país sofrera perdas colossais - com efeito, tratava-se de mais de 20 milhões de mortos, os quais, somados aos inválidos, representavam metade da população economicamente ativa, além da destruição de dois terços da economia no país. Ainda que o exército vermelho pudesse rechaçar uma invasão terrestre, a URSS carecia de marinha forte e aviação estratégica. Os homens em armas faziam grande falta para a restauração econômica e demográfica. (VIZENTINI, 2004, p. 66)

Além disso, o autor ressalta que o declínio da Europa, no pós Segunda Guerra Mundial, considerando que esta era o centro de política mundial e também da diplomacia de equilíbrio de poder ia de encontro com a formação de um sistema bipolar, que era centrado em formações sociais capitalistas e socialistas. Sendo lideradas pelos Estados Unidos, do lado capitalista e da União Soviética do lado socialista. (VIZENTINI, 2004, p. 68)

Sendo assim, é importante elencar os pontos mais importantes da Guerra Fria, em ambas as potências. Nos Estados Unidos, em âmbito político, foi criada a Doutrina Truman que era em linhas gerais, a defesa da democracia por parte do presidente Harry Truman, uma vez que ele queria impedir a expansão socialista.

Como menciona Vizentini, a doutrina Truman fora lançada após o discurso do presidente americano, onde o mesmo oferecia ajuda aos “povos livres” que poderiam ser ameaçados pela ideologia soviética. A doutrina Truman foi criada durante a saída da Grã-Bretanha da guerra civil grega, sendo substituída pelos Estados Unidos. Além disso, ela fora proclamada durante a Conferência Econômica de Moscou, que tratava da ajuda americana na

reconstrução europeia. Além de reforçar a ideia de “divisão do mundo”, expressão usada por Churchill, um ano antes, concomitantemente ao lançamento da ideia de “mundo livre” contra o inimigo. (VIZENTINI, 2004, p. 73)

Em âmbito econômico e militar, fora criado o Plano Marshall em 1947, seguindo a ideia da Doutrina Truman, e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) em 1949, respectivamente. O primeiro foi um plano econômico desenvolvido pelos Estados Unidos para reconstruir a Europa. A ideia desse plano era de impedir que o comunismo não tomasse conta do continente no pós-guerra. O autor Eric Hobsbawm descreve:

O Plano Marshall, foi um projeto maciço para a recuperação europeia, foi lançado, em junho de 1947. Ao contrário da ajuda anterior, que fazia claramente parte de uma agressiva diplomacia econômica, essa assumiu mais a forma de verbas que de empréstimos. (HOBSBAWM, 1998, p. 237)

Vizentini reforça dizendo que o plano concedia empréstimos a juros baixos aos governos europeus, na tentativa de fazer com que eles adquirissem mercadorias americanas. O Plano Marshall, assim como a doutrina Truman materializavam a partilha da Europa, além de lançarem bases para formação dos blocos políticos-militares. (VIZENTINI, 2004, p. 73 e 74)

O segundo, a OTAN, foi de grande relevância para o país, pois era uma aliança militar entre Estados Unidos, Canadá e os países capitalistas europeus. Tinha como objetivos principais garantir a segurança de todos seus Estados membros na Europa e também na América do Norte, de acordo com os princípios da Carta das Nações Unidas. Além disso, essa aliança serve não só para influência política, mas como também para influência militar. Isso depende de como surgem os desafios da segurança em que os Estados membros enfrentam. (NATO/OTAN, 2004, p. 2)

Nesse mesmo momento, iniciou-se uma política de “caça às bruxas” pelo senador Joseph McCarthy, que era uma ideia de que tudo e todos podiam ser ameaça comunistas, ou seja, qualquer oposição aos Estados Unidos era considerada traição e defesa do comunismo. Ocorreu muita repressão, onde muitas pessoas foram perseguidas e presas, acusadas de defenderem a União Soviética. Eric Hobsbawm defende que isso não foi uma prática do governo americano, mencionando que “Não foi o governo americano que iniciou o sinistro e irracional frenesi da caça às bruxas anticomunistas, mas demagogos exceto isso

insignificantes – alguns deles como o notório senador Joseph McCarthy, nem mesmo particularmente anticomunista.” (HOBSBAWM, 1995, p. 232). Além disso, o autor fala que “O único político de verdadeira solidez a surgir do submundo dos caçadores de bruxas foi Richard Nixon, o mais antipático dos presidentes americanos do pós-guerra.” (HOBSBAWM, 1995, p. 232)

Após mostrar como os Estados Unidos agiram frente à Guerra Fria, é importante também mostrar como a União Soviética agiu. Foi criado o Comitê de Informação dos Partidos Comunistas (Kominform), que era uma organização, em linhas gerais, onde Moscou tentava impor sua ideologia e visão política, além de ser uma troca de informações e experiências entre vários partidos comunistas, mais precisamente da Europa Oriental. Vizontini diz que os “Os partidos comunistas (PCs) da Europa Ocidental, consonantes com Moscou, promoveram greves desesperadas e infrutíferas como oposição ao Plano Marshall.” (VIZENTINI, 2004, p. 74)

Além disso, a ajuda americana era claramente uma chantagem, no que tange às eleições europeias, que resultou na expulsão dos comunistas dos governos ocidentais, principalmente na França e na Itália, onde acabaram constituindo partidos mais fortes. (VIZENTINI, 2004, p. 74). Após isso, como menciona o autor, foi criado o Kominform.

Após as expulsões dos PCs ocidentais dos governos, os fatos se sucederam numa avalanche em 1947. O discurso do soviético Jdanov sobre o antagonismo irreduzível entre socialismo e capitalismo representava uma réplica à Doutrina Truman e ao Plano Marshall, sendo esse último rejeitado pela URSS e pelas Democracias Populares. Em seguida, os EUA criaram a CIA (Agência Central de Inteligência) para atuar em âmbito mundial, mediante a espionagem e a organização de ações clandestinas. Na sequência, os PCs no poder na URSS e na Europa Ocidental, bem como os da França e da Itália, criaram o *Kominform* (Agência de Informação Comunista), visando à coordenação das ações dos PCs na Europa. (VIZENTINI, 2004, p. 75 e 76)

Além do Kominform, foi criado o COMECON e o Pacto de Varsóvia. O COMECON, Conselho de Ajuda Mútua Econômica, criado em 1949, foram acordos econômicos e também políticos-militares entre os países socialistas. Estes países formaram esse grande bloco econômico para colaboração comercial. Foi uma resposta soviética ao Plano Marshall, e era a integração dos planos de desenvolvimento e lançamento de bases de um mercado comum de países socialistas. (VIZENTINI, 2004, p. 78)

Assim como o COMECOM foi uma resposta ao Plano Marshall, o Pacto de Varsóvia foi uma resposta à OTAN. Foi criado em 1955, e era uma aliança militar entre os países socialistas do leste europeu (com exceção da Iugoslávia), que responderiam belicosamente a qualquer ataque externo a qualquer país membro da aliança. (MALULY, 2015, p. 3)

Houve também a corrida armamentista entre as duas superpotências, onde não se disputava apenas nas armas, mas também na tecnologia. Um exemplo disso foi que no final de 1945, no fim da Segunda Guerra Mundial os Estados Unidos bombardearam Hiroshima e Nagasaki contra o império Japonês. Nota-se que nesse período eles já possuíam bombas atômicas, diferente da União Soviética que só adquiriu em 1949. Outro exemplo disso foi o primeiro a lançar um satélite artificial, Sputnik 1 da URSS em 1957 e o primeiro homem a viajar para o espaço em 1961, enquanto os Estados Unidos tiveram o primeiro homem a pisar na lua em 1969. Por último, é importante mencionar que a espionagem nesse período foi muito forte, tanto por parte da CIA (Agência de Inteligência dos Estados Unidos) quanto da KGB (Agência de Inteligência da União Soviética), como menciona Eric Hobsbawm:

A Guerra Fria que de fato tentou corresponder à sua retórica de luta pela supremacia ou aniquilação não era aquela em que decisões fundamentais eram tomadas pelos governos, mas a nebulosa disputa entre seus vários serviços secretos reconhecidos e não reconhecidos, que no Ocidente produziu esse tão característico subproduto de tensão internacional, a ficção de espionagem e assassinato clandestino. (HOBBSAWM, 1998, p. 226)

É importante também mencionar que em 1961 foi construído o Muro de Berlim que separava a Europa Oriental da Europa Ocidental, cujo muro foi o símbolo da Guerra Fria, uma vez que foi construído pela URSS na tentativa de evitar que a população da Berlim Oriental passasse para Berlim Ocidental. Como menciona Hobsbawm “O Muro de Berlim fechou a última fronteira indefinida entre Oriente e Ocidente na Europa.” (HOBWBAWN, 1998, p. 240)

Sendo assim, no filme Capitão América- O Soldado Invernal, a história se passa dois anos após os acontecimentos em Nova York, que são mostrados no filme Os Vingadores, que não cabe aqui mencionar, pois não é foco deste trabalho. Steve Rogers dá continuidade ao seu trabalho na agência S.H.I.E.L.D, que é liderada por Nick Fury, personagem que aparece no final do primeiro filme do Capitão América, que possui um papel importante nos Vingadores. O objetivo da agência, que conta não só com Capitão, mas como vários outros super-heróis, é

combater a organização HIDRA. Além disso, Steve ainda está tentando acostumar-se com o fato de que ficou congelado por setenta anos. O personagem tem como parceira uma super-heroína russa, chamava Natasha Romanoff, mais conhecida como Viúva Negra e tem como inimigo agora o Soldado Invernal. (ADORO CINEMA, 2014)

É importante mencionar que o vilão Soldado Invernal é seu amigo Bucky Barnes. Os dois lutaram juntos durante a Segunda Guerra Mundial, porém, em uma das revistas, assim como no filme, é mostrado que o super-herói e o soldado caem no Atlântico Norte na tentativa de desarmar uma bomba, que acaba explodindo. Apenas Steve é encontrado e descongelado pelos Vingadores vinte anos depois, Bucky é dado como morto. Entretanto, um general russo encontra Bucky e o revive, porém, ao acordar ele não lembra sua identidade e nesse momento, o general vê a oportunidade de converter o soldado em um inimigo dos Estados Unidos, fazendo com que ele se transforme em um grande assassino. Esta história é a mesma que ocorre no primeiro filme, porém só se desenvolve no segundo, onde Bucky se torna seu maior inimigo.

Observa-se que apesar do filme fazer uma alusão à Guerra Fria, onde há o embate entre EUA (Capitão América) e URSS (Soldado Invernal) com uma reconciliação no final do filme, que será mostrada mais adiante, Steve mantém relações pacíficas com sua parceira russa Natasha Romanoff. Ou seja, o objetivo do filme, é mostrar como os Estados Unidos podem conviver pacificamente com a Rússia. Após uma introdução da história do filme, podemos então dar início à análise.



Figura 18: O melhor soldado
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Nas cenas mostradas na figura 18 podemos observar Nick Fury exaltando Steve como melhor soldado, que nunca permitiria que inocentes morressem. Além de o super-herói frisar que soldados sempre confiam uns nos outros, ou seja, soldados estadunidenses. Dando a entender que outros soldados não são realmente soldados, pois não confiam entre si, nesse caso ele se refere a soldados de outros lugares, não nos Estados Unidos, pois eles são o exemplo. Além disso, pode-se notar a predominância da cor azul não só nessa cena, como nas cenas seguintes, principalmente a predominância da cor na roupa do personagem, que nesse momento está um pouco diferente da roupa do primeiro filme. Lembrando que a cor azul, segundo o autor Moll, induz tranquilidade, serenidade. Com isso, há uma indução por parte do diretor e criadores do filme para que o telespectador veja o super-herói como alguém bom, que não é capaz de trair seus companheiros nem seu país. Ou seja, o telespectador não percebe que está sendo induzido a isto, pela predominância da cor. Ademais, podemos observar na figura 19, Steve frisando que não se alia a corruptos e que não lideraria uma missão, caso alguém fosse corrupto, mostrando o quão correto ele é.

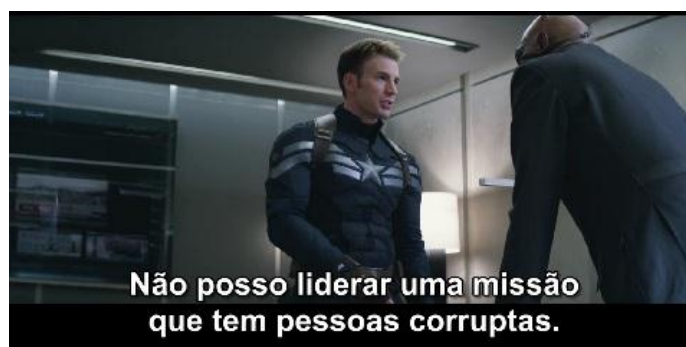


Figura 19: Capitão correto
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Nos diálogos e cenas mostrados nas figuras 20 e 21, entre Capitão América e Nick Fury, vemos que Fury, como líder da S.H.I.E.L.D, deseja adotar o *Hard Power*, uma vez que apoia o uso de armas de longa precisão, que segundo ele, eliminariam vários ao mesmo tempo. Entretanto, o uso disto seria em caso de ameaça à segurança, como ele menciona, os satélites podem identificar DNA de terroristas e acabar com eles antes que possam de fato atacar os Estados Unidos. Podemos ver que Steve não concorda com isso, uma vez que acha que a punição aos inimigos deveria ser feita apenas se eles agissem primeiro, pois os Estados Unidos, como mocinhos, não podem agir antecipadamente, pois neste caso, eles seriam considerados terroristas ou vilões.

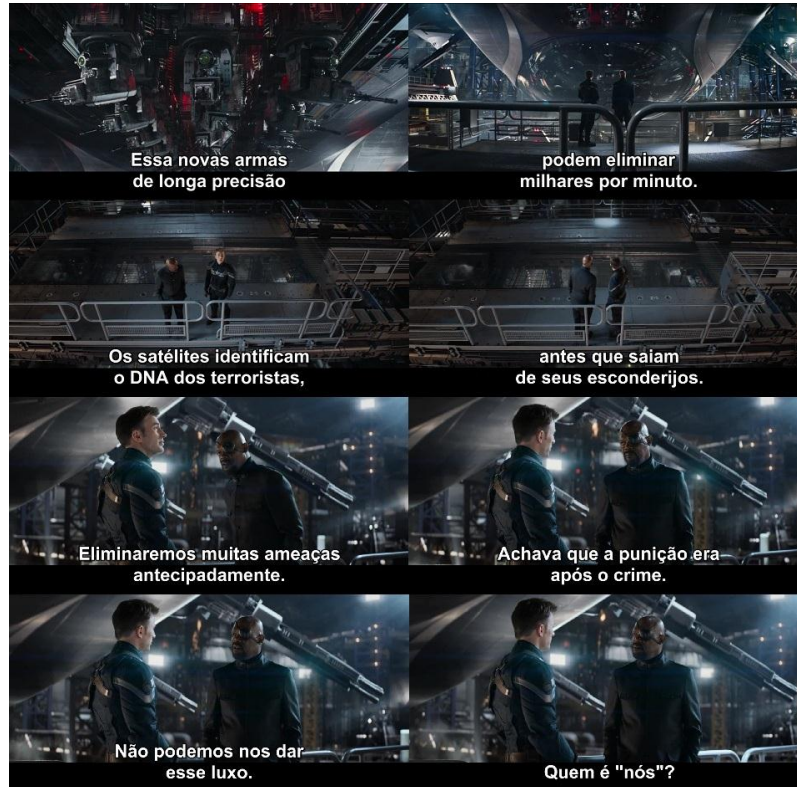


Figura 20: Apoio ao uso do Hard Power
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)



Figura 21: Apoio ao uso do Hard Power 2
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Além disso, o discurso do Capitão América sobre liberdade e segurança já dava-se início neste momento, sendo mais forte no terceiro filme, uma vez que o super-herói já não estava mais aceitando cegamente a subordinação, pois agora, diferente do primeiro filme, ele já passa a questionar as missões que lhe são designadas.



Figura 22: Soft Power

(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Fica evidente o uso do *Soft Power* na figura 22, uma vez que o personagem é tratado não só como símbolo do seu país, mas como o herói do mundo, desde o início da sua história, que foi caracterizada por muita luta, coragem e sacrifício. Entretanto, não é apenas ao super-herói que é referido nestas cenas, é uma alusão ao próprio Estados Unidos, visto que, não importa onde esteja ocorrendo um conflito ou uma guerra, eles irão intervir, ajudar e serão o herói do mundo. Os outros países precisam deles.



Figura 23: Balas usadas pelo Soldado Invernal

(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

No diálogo da figura 23, Natasha (Viúva Negra) se refere às balas que atingiram Nick Fury que quase o levaram à morte, cujo atirador era o Soldado Invernal. Sendo assim, fica mais evidente a ligação e alusão do personagem com a URSS, além da estrela vermelha em seu braço esquerdo e as cores de seu traje, ele fala em russo em uma cena.



Figura 24: HIDRA no pós Segunda Guerra Mundial
(Fonte: Capitão América: O Soldado Invernal, 2014)

Nos pós Segunda Guerra Mundial, a HIDRA não havia acabado, pelo contrário, é mostrado na figura 24, em um diálogo entre Dr. Zola e Capitão América que esta estava mais forte, uma vez que fomentou guerras e crises em todo o mundo. Ou seja, tudo aquilo que aconteceu depois da Segunda Guerra e depois da Guerra Fria foi feito pela HIDRA. Bem como ataques terroristas aos Estados Unidos, crises humanitárias, enfim, tudo de ruim que estava ocorrendo com o mundo durante todas essas décadas era culpa desta organização. A Nova Ordem Mundial fora criada pela HIDRA, assim como o embate entre segurança ou liberdade, ocorrido nos Estados Unidos após os atentados às torres gêmeas.



Figura 25: O Soldado Invernal
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Podemos ver na figura 25 o traje do Soldado Invernal, e como já foi mencionado no início deste capítulo, o preto da roupa e da máscara, junto ao vermelho da estrela, podem remeter à violência e a morte. Pois, como menciona o autor Moll, em filmes lançados nos Estados Unidos durante a Guerra Fria, soldados soviéticos eram sempre caracterizados por trajes de cor preta e vermelha. Contudo, como não é explícito que o personagem representa os interesses soviéticos, uma vez que se passa em um contexto atual, no qual não existe URSS há algum tempo, é importante analisar a alusão que o Soldado faz à URSS. Além disso, a iluminação baixa é semelhante àquela usada no primeiro filme, quando era mostrado o vilão Caveira Vermelha, ou seja, o significado é o mesmo, mostrar o vilão de cima pra baixo com um ar temível e amedrontador.



Figura 26: Soldado Invernal atacando e Capitão América se defendendo
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Vemos na figura 26 que em três cenas o Soldado Invernal ataca o Capitão América e ele apenas se defende, e na segunda cena, o Soldado pega o escudo de proteção do super-herói. O escudo, além de ser protetor, é usado por Steve para desnortear o inimigo, mas nunca matar. Além disso, no diálogo da figura 27, Capitão América frisa mais uma vez que mocinhos não atiram e não matam, que isso só é feito pelos vilões.

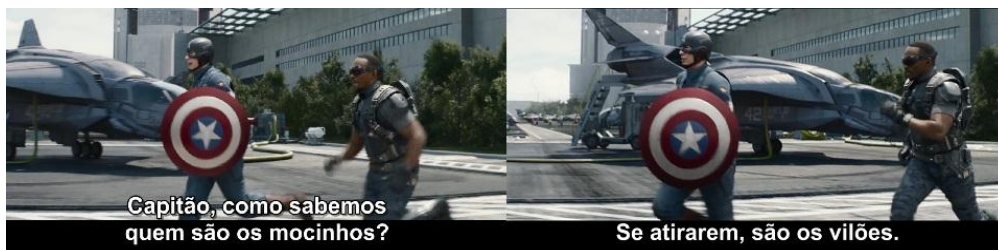


Figura 27: Mocinhos não matam
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

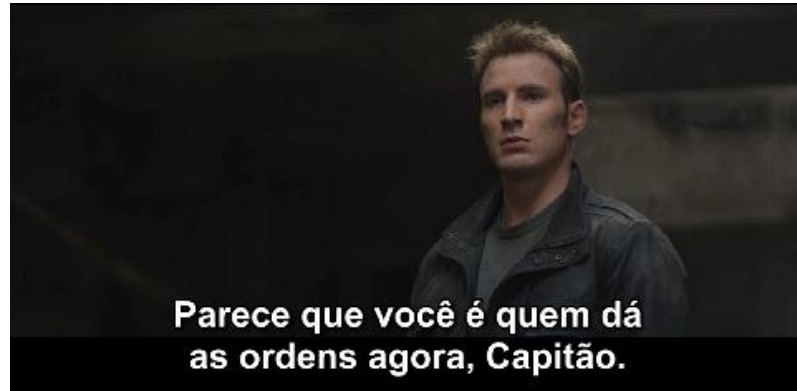


Figura 28: Capitão América assume uma liderança
 (Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Na cena mostrada na figura 28, Nick Fury designa Capitão América como líder, para derrotar HIDRA e o Soldado Invernal e ele passa a dar ordens à sua equipe. Entretanto, a equipe aumenta no terceiro filme, uma vez que agora o super-herói conta com a ajuda apenas de Viúva Negra, Falcão e Maria Hill.



Figura 29: Discurso de liberdade
 (Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Nas cenas apresentadas na figura 29, vemos o super-herói defendendo a liberdade, não importando o preço a se pagar por ela, mesmo que ele tenha que lutar sozinho pela mesma. O que não é o caso, visto que ele tem o apoio de sua nova equipe. Além de este assunto dar um gancho para o terceiro filme, onde o Capitão e parte de sua equipe, que fica ao seu lado, defendem a liberdade. A outra parte defende a segurança. O que será visto mais adiante. Além da predominância do azul novamente e um enquadramento central, mostrando a bondade do personagem.



Figura 30: Capitão América salva o mundo
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Logo nas últimas cenas do filme, como é mostrado na figura 31, vemos Capitão América salvando o mundo novamente, uma vez que aquela parte da HIDRA que estava infiltrada na S.H.I.E.L.D. estava prestes a largar mísseis que destruiriam o mundo inteiro. O nome da missão é Charlie, como o super-herói menciona acima, e no último segundo ele consegue impedir que os mísseis caíssem na terra. Além disso, ele dá ordens à parceira dele Maria Hill para que lance os esses mísseis no local onde ele está tendo um combate com Soldado Invernal. Ou seja, ele se sacrificaria para salvar o mundo e também para acabar com o seu inimigo. Entretanto, os dois conseguem se salvar, o que é mostrado nas cenas abaixo.

Além disso, podemos observar que o super-herói abandona seu escudo, dizendo a Bucky que não irá lutar com ele, mesmo que ele continue batendo em Steve. Nota-se que ele não se defende de Bucky em nenhum momento. Ou seja, o embate entre Estados Unidos e União Soviética, onde esta última ataca e os Estados Unidos se defendem. Contudo, é importante salientar que não se vê um vencedor nesse embate, nem um derrotado, o que se vê é uma trégua entre os dois, o que simboliza uma trégua entre os dois países também.



Figura 31: Trégua entre Capitão América e Soldado Invernal
(Fonte: Capitão América- O Soldado Invernal, 2014)

Para finalizar, é importante salientar que mesmo esse embate entre Estados Unidos e União Soviética não fique claro, de forma explícita em nenhum momento do filme, é importante ficar atento aos pequenos detalhes, que foram mostrados ao longo do trabalho, pois como disse o autor Kellner, que já foi explicado no início do capítulo, as imagens fílmicas podem aparecer de forma subliminar ou não e quando for o caso, é necessário olhar com mais atenção a isso para uma análise mais aprofundada.

Como por exemplo, o Soldado Invernal e o Capitão América lutaram juntos na Segunda Guerra Mundial, assim como os Estados Unidos e a União Soviética, depois disso, eles viram grandes inimigos, durante a Guerra Fria, assim como Steve e Bucky, quando este último entra em uma organização onde ele é designado para acabar com os Estados Unidos. Ao fazer uma ligação da realidade com a fantasia, o governo estadunidense reconhece o erro da União Soviética ao se tornar inimiga deles, assim como Steve reconhece o erro de Bucky. Mas no fundo, são grandes parceiros, com um histórico de confrontos indiretos.

6 CAPITÃO AMÉRICA 3- GUERRA CIVIL: DEBATE ENTRE LIBERDADE OU SEGURANÇA E ANÁLISE CRÍTICA DO FILME

Diferentemente dos outros dois filmes analisados, este filme não possui um contexto histórico passado, uma vez que o debate entre segurança e liberdade é algo que está acontecendo ainda nos dias atuais. Entretanto, cabe aqui ressaltar quais foram os motivos que levaram a este embate, que começou logo após do fim da Guerra Fria, perdurando até hoje.

Após o fim da Guerra Fria, a conjuntura internacional passou por uma nova mudança, o inimigo passou a ser outro, o terrorismo. A década de 2000 se iniciou com um grande atentado terrorista que mudara significativamente as relações internacionais dos próximos anos. Em consequência disso, como foi dito acima, o dilema entre segurança e liberdade é tema abordado até os dias de hoje. Com isso, é importante contextualizar primeiramente, mostrando o que levou a esse embate.

Como já foi explicado no capítulo anterior, a década de 90 inicia-se com o desmembramento da URSS e o fim da Guerra Fria, cabe aqui mostrar o que ocorreu depois desse momento, principalmente na grande potência, agora unipolar, Estados Unidos. Vizentini salienta que “No plano diplomático, militar e estratégico, emergem os contornos de uma unipolaridade, na qual os Estados Unidos conservam uma posição dominante, sobretudo na ausência de qualquer adversário à altura.” (VIZENTINI, 2005, p. 89)

No pós-Guerra Fria, os Estados Unidos, agora como única superpotência, precisava manter sua hegemonia, porém com um custo mais baixo. Eles então precisariam pôr em operação uma série de práticas que legitimassem as estruturas hegemônicas, se visassem uma liderança renovada. Ao mesmo tempo, eles precisavam evitar que polos desafiantes, tanto em âmbito político como militar, ascendessem. (VIZENTINI, 2005, p. 83)

Além disso, os EUA precisavam enfrentar uma onda de desafios no início do século XX, que poderiam afetar sua hegemonia, uma vez que outras potências visavam o lugar de superpotência. Entretanto, o autor explica que:

O pós-Guerra Fria diminuiu, num primeiro momento, o prestígio dos Estados Unidos, pois a hegemonia americana dependia da clivagem bipolar, à medida que os vencidos da Segunda Guerra Mundial prosperavam economicamente. Todavia o

poder mundial enquanto tal, embora tenha sofrido considerável diluição, não se reduziu, e a estrutura mundial de caráter oligárquico permite ainda aos EUA um considerável espaço de iniciativa estratégica. (VIZENTINI, 2005, p. 84)

Além disso, Vizentini menciona que o Afeganistão foi bode expiatório, no que tange à grande virada das relações internacionais. Isso ocorreu porque o país, que era neutralista, mantinha relações com a URSS no início da década de 70 e transformou-se em uma república. Entretanto, como tinha vários problemas, passou a aceitar ajuda econômica do Xá do Irã, que visava criar sua própria área de influência. (VIZENTINI, 2005, p. 40) O autor complementa que “A situação agravou-se quando o presidente resolveu reorientar sua diplomacia em direção à China, aos EUA e ao Paquistão e passou a perseguir a esquerda, que reagiu em 1978, desfechando um golpe de Estado, ao qual denominou “Revolução de Abril”.” (VIZENTINI, 2005, p. 40)

Seis meses após o presidente Bush (pai) ter proclamado o início da Nova Ordem Mundial de paz, democracia e prosperidade, se eclodiu uma crise diplomática de grande relevância. Além disso, em 1990 o Iraque, mesmo passando por uma grande crise interna, onde estava completamente abandonado pelas petromonarquias, acaba invadindo o Kuwait. (VIZENTINI, 2005, p. 42) Como isso, a ONU intervém.

A ação foi condenada unanimemente pelo Conselho de Segurança da ONU, que decretou medidas como embargo econômico e envio de tropas à região com uma rapidez nunca antes vista, mostrando que Saddam havia caído numa armadilha e evidenciando o poder e a determinação dos EUA. (VIZENTINI, 2005, p. 42)

No início do ano seguinte os Estados Unidos invadem o país, que se encontrava isolado e devasta-o totalmente. Esse episódio foi censurado e manipulado pela mídia estadunidense, uma vez que a CNN era colaboradora da Casa Branca e mostra um conflito brando, sem nada de sangue. Pois além de atacar seus alvos, os EUA atacaram também inúmeros civis e destruíram a estrutura do país, deixando claro que modelo de desenvolvimento do Iraque precisava ser exterminado. (VIZENTINI, 2005, p. 43)

Foi nesse momento que países conservadores passaram a se preocupar com a ascensão de grupos islâmicos, uma vez que o fundamentalismo islâmico estava ganhando relevância na política internacional. A mídia dos EUA dá início à manipulação, onde mostra hordas fanáticas e antiocidentais em Teerã. (VIZENTINI, 2005, p. 47). O autor reforça:

Os movimentos políticos de caráter islâmico tiveram origem em perfil fascizante como os Irmãos Muçulmanos, desde o entre-guerras. Esses movimentos foram apoiados pelos Estados conservadores, particularmente as petromonarquias, as quais, inclusive, legitimavam-se aos olhos da população como verdadeiras defensoras do “islã puro”, medieval. (VIZENTINI, 2005, p. 47)

No que tange à segurança, levando em consideração os aspectos militares clássicos, os Estados Unidos incluíam novas missões contra o terrorismo, luta contra o tráfico de drogas, ajuda humanitária, manutenção da liderança no espaço e defesa do meio ambiente global. (VIZENTINI, 2005, p. 84)

Ainda sobre a Nova Ordem mundial, o autor cita que os Estados Unidos apostavam na renovação ONU, assim como para outras organizações internacionais, tendo como principal objetivo expandir democracia e livre mercado, a OTAN era um modelo ideal para isso. (VIZENTINI, 2005, p. 86) Entretanto, não foi bem assim que aconteceu, pois Bush não importava-se muito com as organizações internacionais, como comenta Vizentini.

Ademais, é importante salientar que havia uma diferença enorme entre as estratégias dos Democratas e Republicanos. Os primeiros pediam para o lado do multilateralismo e atribuíam aos EUA papel de liderança através de códigos de valores e de conduta do país com o mundo, em apoiar organizações internacionais. Já os segundos não visavam um papel de líder e sim de mandante chefe, uma vez que os EUA eram sempre o lado mais forte em relações bilaterais. Além de usar a violência sempre que necessário. Porém, como menciona Vizentini, independentemente do partido escolhido, o objetivo era o mesmo: o estabelecimento de uma Nova Ordem Mundial. (VIZENTINI, 2005, p. 86)

Com isso, cabe ressaltar que durante os governos de Bush pai e Bush filho, ambos republicanos, era utilizado o *Hard Power* sempre que necessário. Já durante o governo do democrata Barack Obama fica evidente o uso do *Soft Power*. Se observarmos a indústria cinematográfica durante esses governos, nota-se que durante a vigência dos republicanos foram lançados inúmeros filmes onde o tema principal era o combate o terrorismo por meio da força, já durante o governo do democrata, esses filmes foram reduzidos, dando lugar a filmes de super-heróis patriotas que defendem seu país acima de tudo, não utilizando a violência e sim se defendendo dela, como é o caso dos filmes analisados no presente trabalho.

Sendo assim, em 2001, o republicano George W. Bush assume a presidência dos Estados Unidos, com uma agenda unilateral. E após os atentados terroristas em Nova York e Washington, o presidente inicia a chamada “guerra ao terrorismo” ou “guerra ao terror”, levando não só os EUA, mas como boa parte do mundo a situações tensas e conflituosas. (VIZENTINI, 2005, p. 137) Estes episódios terroristas mudaram a política externa norte-americana, uma vez que se tornou tensa, violenta e defensiva. O medo de um novo ataque causava pânico à população, o que levou o governo a investir drasticamente na segurança. Com o governo de Obama, houve um distanciamento com essa segurança, onde o democrata preocupava-se mais em manter boas relações com os seus vizinhos. Entretanto, isso não significa que ele abandonou completamente o tema “segurança”, foi apenas uma forma mais branda e não tão radical quanto Bush.

O século XXI se iniciava então com uma grande tensão internacional devido aos ataques terroristas, principalmente os de 11 de setembro, assim como a guerra ao terror e a onda anti-islâmica que inundou o país nesse momento. (VIZENTINI, 2005, p. 140) O autor reforça:

Bush passou a governar ignorando as organizações internacionais, particularmente a ONU, dentro da visão de que “os EUA venceram a Guerra Fria e necessitam colher os frutos”. A ideia de apoiar a liderança americana nas organizações multilaterais, tal como vinham fazendo os democratas, foi completamente abandonada, dando lugar a uma visão unilateral que contrariou seus próprios aliados da OTAN. (VIZENTINI, 2005, p. 141)

O que ocorrera nos anos seguintes, era consequência das políticas rígidas do presidente. Como menciona o autor, Bush era despreparado e com uma equipe de assessores extremamente linha-dura que reabriram focos de tensão. Com este governo, os EUA deixam de ser mediador, em conflitos como os do Oriente Médio, onde a violência predominava. (VIZENTINI, 2005, p. 141) Um exemplo disso é a invasão ao Afeganistão, como salienta o autor:

As evidências apontavam para a organização Al Qaeda, liderada pelo saudita Osama Bin Laden, e para o regime talibã do Afeganistão que lhe dava abrigo. Apoiando-se na comoção mundial e alegando que “quem não está conosco está contra nós”, Bush desencadeou a guerra ao terrorismo, que teve como primeiro alvo o Afeganistão. Invadindo e dominando o país. (VIZENTINI, 2005, p. 142)

Entretanto, essa não foi a única invasão realizada pelos EUA, uma vez que após esse acontecimento ocorreu a Guerra do Iraque. “Durante o ano de 2002, a Casa Branca deixou clara a intenção de atacar o Iraque, que acusava de possuir armas de destruição massiva e de ter conexão com a rede Al Qaeda.” (VIZENTINI, 2005, p. 146) Entretanto, a ONU, na tentativa de impedir um conflito, enviou inspetores para verificar se o armamento realmente existia. (VIZENTINI, 2005, p. 146)

Contudo, os Estados Unidos, mesmo com recursos financeiros escassos e com pouco apoio, invadiu o Iraque no início de 2003 e em um pouco menos de um mês o Iraque estava ocupado por tropas anglo-americanas. Tendo como principal consequência o aprofundamento de contradições que já existiam antes da guerra. (VIZENTINI, 2005, p. 147 e 148) A guerra durou apenas dois meses, uma vez que começou em março e terminou em maio. Vizentini menciona que:

Com o encerramento das operações militares convencionais no Iraque e o fim do regime de Saddam Hussein, começa a esboçar-se um novo mapa político no Oriente Médio. O proclamado poderio militar iraquiano não existia e a vitória anglo-americana foi relativamente fácil, e então teve início a difícil fase de estabelecer um regime iraquiano estável. (VIZENTINI, 2005, p. 149)

A premissa do novo governo, de Obama, era se distanciar das práticas adotadas pelo governo anterior no que tange à ofensiva ao Oriente Médio. “Tudo isso foi substituído pela retórica “conciliatória”, sóbria, centrista, moderada e cosmopolita da estratégia de engajamento de Barack Obama.” (VIANNA, 2010, p. 113) Tendo como seu primeiro objetivo acabar com aquela guerra no Iraque, iniciada durante o governo Bush. O autor enfatiza:

Lembremos que este, quando decidiu invadir o Iraque em 2003, chegou mesmo a afirmar que a ONU era irrelevante para a segurança (e política energética) dos EUA. Por isso mesmo, desde o seu discurso de posse, Obama buscou uma retórica sóbria, instrutiva, quase professoral, sobre a sua política externa. (VIANNA, 2010, p. 114)

Entretanto, no segundo ano de posse do democrata, ao mostrar uma nova estratégia para Afeganistão e Paquistão, o presidente buscava convencer seus eleitores que havia necessidade da missão no Afeganistão para segurança dos EUA. (VIANNA, 2010, p. 123) Foi nessa missão que mais houve paradoxos, onde o presidente ao mesmo tempo queria estar, de

certa medida, satisfatoriamente bem com o Oriente Médio, fica claro que a segurança ainda era a prioridade. Ele usava como justificativa que...

(...) tal país, devido à fragilidade do governo frente à ação de “grupos extremistas violentos”, seria um viveiro permanente para os militantes do Taliban, que ofereceriam esconderijos para lideranças da rede Al-Qaeda. Segundo a sua visão, é desta região que poderiam partir novos ataques suicidas contra os EUA, tal como aquele ocorrido em Londres em julho de 2005, que teve um saldo de 52 mortos. (VIANNA, 2010, p. 123)

O embate entre segurança e liberdade tomou conta de praticamente todo governo de Barack Obama. O autor Klaus Günther faz alguns apontamentos sobre a violação da liberdade nos EUA, que cabe aqui ressaltar para um melhor entendimento.

O autor ressalta que muitas vezes os cidadãos não percebem que estão sob restrição de seus direitos básicos e acabam aceitando essa restrição sem haver muita resistência:

Embora a lei de segurança transnacional nascente, promulgada ainda em grande parte por meio de legislação nacional, atinja profundamente os direitos básicos e humanos, e que as proteções legais contra as infrações dos direitos cometidas pelo Estado estejam encolhendo e fiquem expostas ao poder invasor cumulativo de uma rede de segurança transnacional com base nos Estados, os cidadãos não percebem isso como uma restrição de seus direitos, ou então aceitam tal restrição sem resistência. (GÜNTHER, 2009, p. 18 e 19)

Além disso, é importante mencionar que os meios de comunicação em massa manipulam as notícias e a população passa a ter temores irracionais que são explorados por políticos populistas, que os induzem a “esquecer” seus direitos civis. (GÜNTHER, 2009, p. 19)

Günther cita outro autor, Michael Ignatieff, que diz que a população é ingênua ao aceitar essa retirada de direitos civis básicos, ou que simplesmente são estúpidas ou negligentes, uma vez que essas medidas são fortes e danosas para a liberdade civil e ela aceita sem a menor resistência, que parece agradar a minoria. (Ignatieff apud Günther, 2009, p. 20)

E Günther complementa dizendo que essa restrição de liberdade e essa lei de segurança funciona e se explica pelo fato de haver luta mundial contra o crime organizado e o terrorismo internacional, uma vez que há uma promessa de segurança para os “bons” cidadãos. Além disso, o autor menciona que a lei é uma forma de dominação, e que essas

vigilâncias, como grampear apartamentos, a submissão dos estrangeiros à essa vigilância especial só afeta as minorias. Desta forma, a maioria não será afetada (GÜNTHER, 2009, p. 20) Ou seja, fica evidente a opressão da maioria contra a minoria, bem como a opressão do governo com a população. O autor reforça:

Hoje, parece que a maioria está instrumentalizando a lei geral a fim de defender sua forma de vida contra a das minorias. O que está surgindo é uma eticização da lei geral pela qual a maioria protege seu entendimento das liberdades civis, seu modo de vida livre. Esse entendimento é seletivo: ele valoriza determinados aspectos da liberdade mais do que outros. Somente as violações de alguns aspectos da liberdade — e não de outros — são consideradas ilegítimas. (GÜNTHER, 2009, p. 20)

O “hoje” citado pelo autor se refere ao ano de 2009, início do mandato de Obama. Entretanto, nota-se que isso não teve uma mudança significativa durante todo seu governo. A situação, de certa forma, continuou a mesma. Pois como Günther salienta, o grampeamento e as leis contra o terrorismo não são as únicas medidas restritivas de liberdade, mas que o aumento do imposto cobrado também é uma forma gravíssima de ferir a liberdade da população. (GÜNTHER, 2009, p. 20)

Para finalizar, o Estado não é visto como um destruidor potencial da liberdade, uma vez que é visto como o Estado que pune e defende sua população contra as ameaças. Entretanto, “as ameaças à liberdade vindas de terceiros são levadas mais a sério do que aquelas legadas por uma longa experiência histórica, advindas de intrusões arbitrárias do Estado.” (GÜNTHER, 2009, p. 20)

Sendo assim, depois de contextualizado, fica mais claro o tema central do terceiro filme do Capitão América, que é esse embate entre segurança e liberdade por parte do super-herói com sua equipe.

Além disso, a conjuntura e o contexto já são bem diferentes dos filmes anteriores, apesar das duas equipes separadas terem um vilão em comum, ele não é tão relevante quando Caveira Vermelha e Soldado Invernal, pois a história do filme gira em torno das divergências entre a equipe de Capitão América que defende a liberdade e a equipe do Homem de Ferro, que defende a segurança.

Em suma, o governo estadunidense propõe aos Vingadores que eles passem a fazer missões para ONU e tudo que fizerem, sem ter o aval da mesma, seria considerado crime de Estado. Com isso, Steve não aceita esta subordinação, uma vez que isso tiraria completamente a liberdade deles. Por sua vez, Tony Stark acha que esta é a melhor forma de se preservar a paz e a segurança. Desta forma, os dois dividem-se, com seus aliados para lutarem por seus ideais. Entretanto, a história não envolve só isso, visto que um soldado alemão deseja criar outros Soldados Invernais, como Bucky, para acabar com o mundo. É importante mencionar também que Bucky, após recuperar sua memória une-se à equipe de Capitão América. (CAPITÃO AMÉRICA- GUERRA CIVIL, 2016)



Figura 32: Os Vingadores como parte de uma comissão da ONU
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)



Figura 33: Vingadores como parte de uma comissão da ONU 2
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Nas cenas apresentadas nas figuras 32 e 33 nota-se o momento em que o Secretário de Estado menciona que os vingadores agora precisam assinar um tratado chamado Sokovia, que vai limitar seu poder, uma vez que poderão agir apenas quando a ONU permitir e ordenar, pois farão parte da comissão da mesma. Além disso, não só Stark aceita o acordo, como Natasha, que sempre foi parceira de Steve.

Ademais, na figura 34 fica claro que Steve não concorda com o Acordo, pois ao limitar o poder, eles não teriam mais liberdade de escolher onde irão agir e se o fizessem, correriam o risco de serem tratados como criminosos. Ou seja, pessoas inocentes poderiam morrer caso a ONU não autorizasse determinada missão e Capitão América não aceitaria isso, seria contra seus princípios. Ele prefere agir contra a Organização ao invés de deixar milhares de pessoas morrerem, por exemplo. Além disso, isso vai completamente contra a liberdade que ele sempre defendeu. Pode-se observar Tony Stark concordando com o Acordo, pois os princípios dele não são de liberdade e sim de segurança. Assim como Natasha, que apesar de ser sempre parceira de Steve, defende a segurança da população acima de tudo. Ademais, quando Steve diz “mas as mãos mais seguras são as nossas”, nota-se o *Soft Power*, pois ele quer dizer que apenas eles são capazes de salvar o mundo.



Figura 34: Capitão América defende a liberdade
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

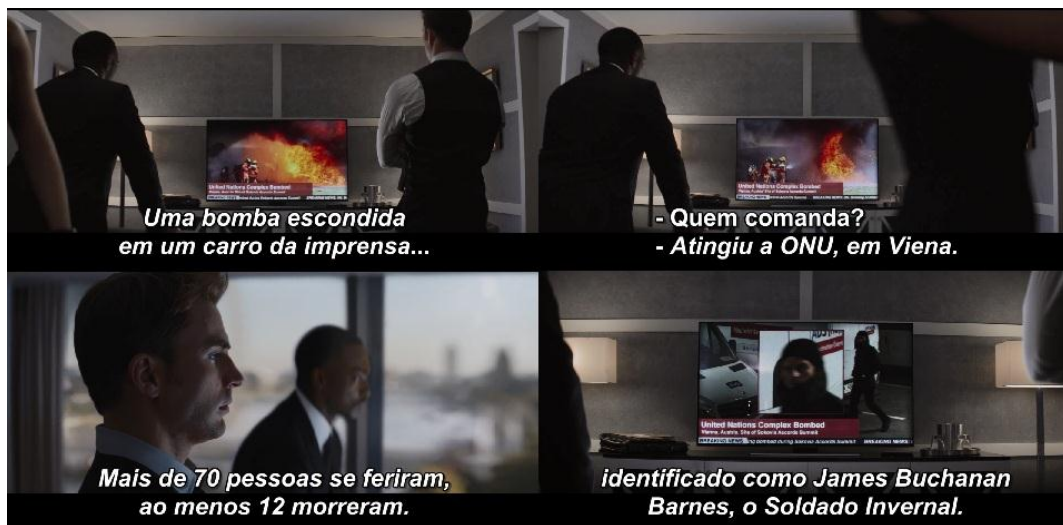


Figura 35: A trégua acabou
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Bucky supostamente teria cometido um atentado terrorista na ONU, e é neste momento em que a equipe de Tony Stark decide ir atrás dele, pois nada pode ameaçar a segurança dos Estados Unidos, como é mostrado na figura 35. Entretanto, Steve não se prontifica para derrotar o amigo, pois como vimos no filme anterior, Steve e Bucky tiveram uma trégua e uma reconciliação.

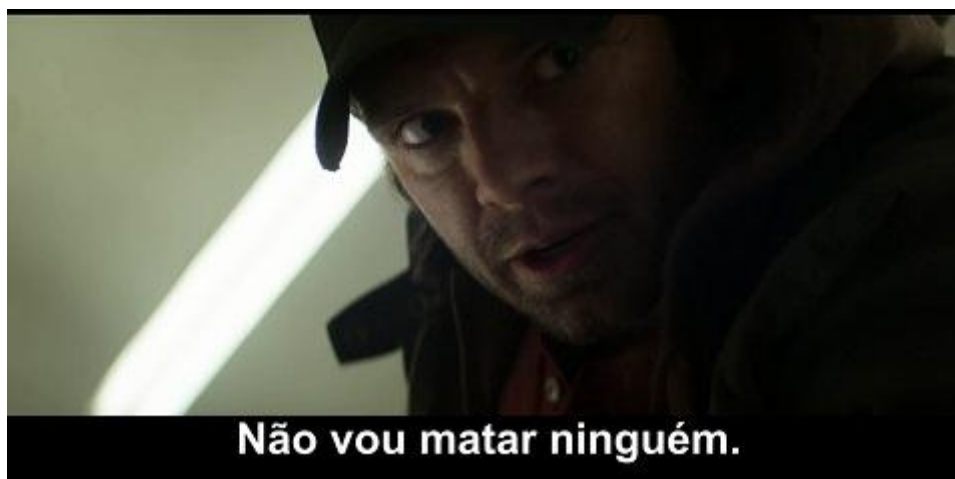


Figura 36: Bucky bonzinho
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Contudo, é importante mencionar que Bucky recuperou sua memória e não defende mais os interesses da Rússia, mesmo que o vilão Zemo tente manipula-lo e trazer de volta o Soldado Invernal, como será mostrando posteriormente. Entretanto, não há sucesso por parte do vilão Zemo, uma vez que Bucky se torna aliado de Capitão América.

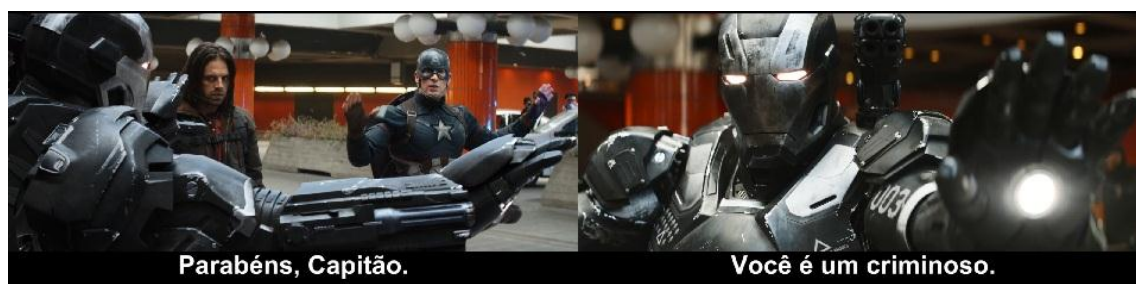


Figura 37: Steve considerado criminoso por defender Bucky
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Nas cenas da figura 37 vemos que Steve defende seu amigo e é considerado criminoso por um dos membros da equipe de Stark, visto que supostamente Bucky teria cometido um atentado terrorista contra os Estados Unidos e o Capitão estaria defendendo um terrorista, o que podemos ver mais abaixo que não se trata disto. Capitão América é muito correto para defender terroristas e ele acredita que seu amigo não é um.



Figura 38: Soldado Invernal incriminado
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)



Figura 39: Tentando incriminar Bucky
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Tanto da figura 38 quanto da 39, fica claro que o vilão Zemo armou o atentado terrorista para incriminar Bucky e coloca-lo contra Steve, que logo ficaria contra sua equipe, para defender o amigo. Na segunda imagem Zemo mostra um caderno que tem na capa um símbolo semelhante à União Soviética, e quando ele menciona “sua verdade casa”, ele refere-se também a União Soviética. Ou seja, o vilão tenta transformar Bucky no Soldado Invernal novamente na tentativa de derrotar Capitão América, sua equipe e também os próprios Estados Unidos. Ademais, não fica claro no filme quem é Zemo, porém, pelos interesses defendidos por ele e seus ideias, pode-se perceber que ele um nazista alemão e também agente da HIDRA que quer derrotar os Estados Unidos e precisa da ajuda do Soldado Invernal. Além disso, vemos uma iluminação escura e sombria quando aparece o vilão, da mesma forma como é mostrado os vilões dos outros filmes.



Figura 40: Tony Stark defendendo o Hard Power
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Na figura 40 vemos o Homem de Ferro dizendo que Steve iria acabar com os Vingadores se continuasse defendendo a liberdade e não a segurança, já Steve acredita que o fato de assinarem o Acordo e acabar se subordinando à ONU foi o que acabou destruindo o grupo. Além disso, vemos Stark defendendo o *Hard Power*, uma vez que se Capitão América e sua equipe não se renderem e entregarem Bucky, considerado terrorista, serão obrigados a usarem a força.

Podemos dizer que este fato faz uma alusão ao que aconteceu e ainda acontece na realidade, visto que o Homem de Ferro, defendendo a segurança, representa os Estados Unidos no pós 11 de setembro, por exemplo, quando se iniciou a Guerra ao Terror, durante o governo de Bush, como foi explicado acima. A segurança foi priorizada nesse momento e o uso do *Hard Power* foi utilizado com bastante frequência na tentativa de se defender de ataques terroristas, da mesma forma como Stark menciona acima, visto que se não entregarem o terrorista, irão utilizar a força sem importar a amizade da equipe e tampouco as consequências, pois o importante é acabar com a suposta ameaça.

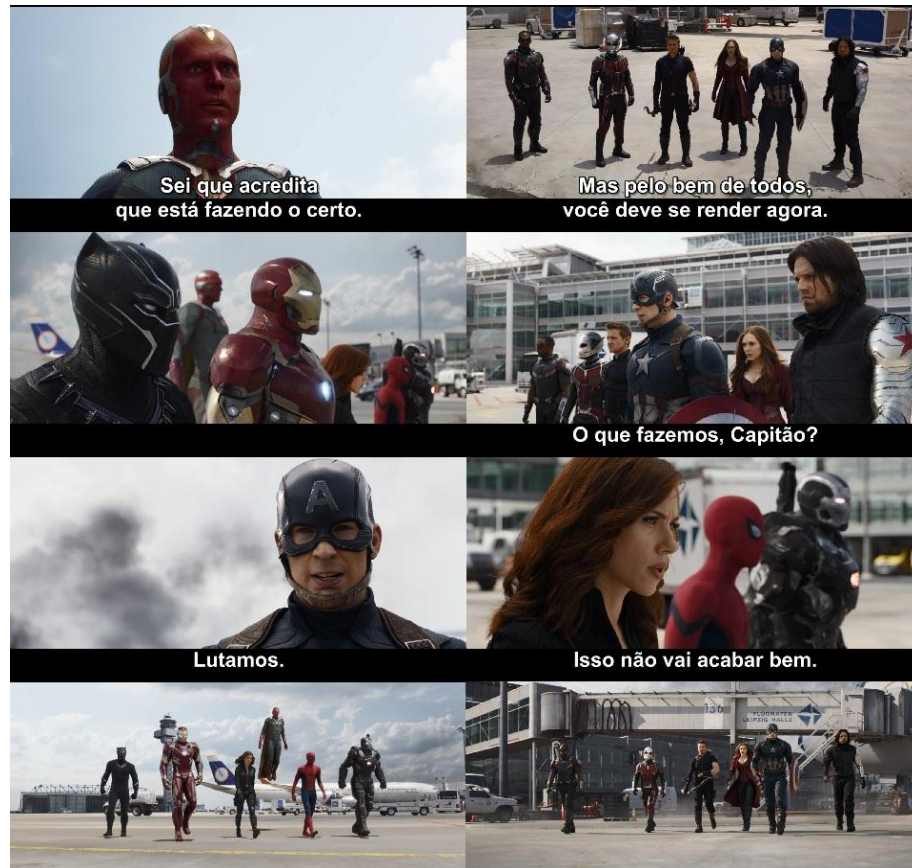


Figura 41: Confronto liberdade VS segurança
 (Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

As cenas da figura 41 reforçam que a equipe de Stark quer a rendição de Steve, porém, o super-herói nega tal rendição e prefere lutar pelos seus ideais e também por Bucky. Além disso, nota-se que todos os personagens, com exceção do Capitão América e também do Homem Aranha, cujo traje é azul e vermelho, usam trajes com cores vermelhas e pretas, ou ambas juntas. Como já sabemos, preto representa o respeito, vermelho representa revolução. Ou seja, o único que representa tranquilidade e serenidade é Steve, com azul predominante, vermelho e branco, mesmo que este último esteja meio despercebido, pois a roupa foi sofrendo algumas mudanças de um filme para o outro, mesmo que não fuja do foco, que é mostrar as cores da bandeira dos Estados Unidos.

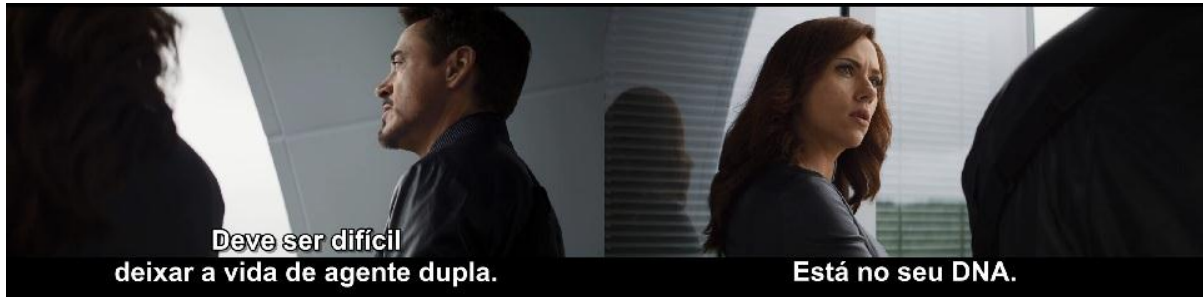


Figura 42: Stark ofendendo Natasha por ser russa
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Na cena da figura 42 vemos Tony Stark sendo ofensivo e preconceituoso com Natasha, uma vez que, segundo ele, o fato de ela ser russa faz com que mantenha uma vida de agente dupla, que está no seu DNA, o que não a torna confiável. Diferente do que pensa Steve, que sempre manteve uma relação pacífica com ela.

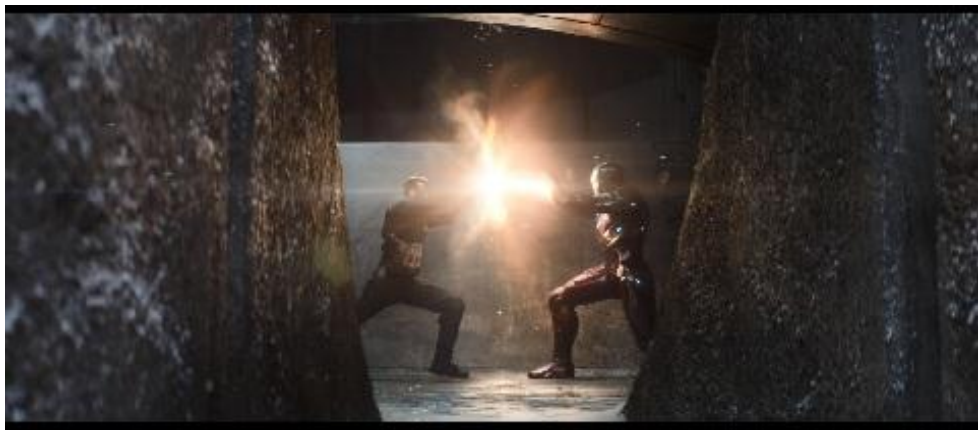


Figura 43: Confronto entre Capitão América e Homem de Ferro
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)



Figura 44: Capitão América defende Bucky e derrota Tony Stark
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Nas últimas cenas do filme, figura 43 e 44, há um confronto entre Capitão América e Homem de Ferro, uma vez que Steve defende Bucky quando Stark tenta mata-lo. Entretanto, na figura 45, nas últimas cenas do final do filme, há uma reconciliação entre ambos, pois Steve, por ser muito correto e um homem bom, não cortaria relações com Stark, mesmo que ambos não concordem um com o outro. Contudo, não houve um vencedor, pois não fica claro se predominou segurança ou liberdade, sendo que o foco foi a reconciliação entre eles.

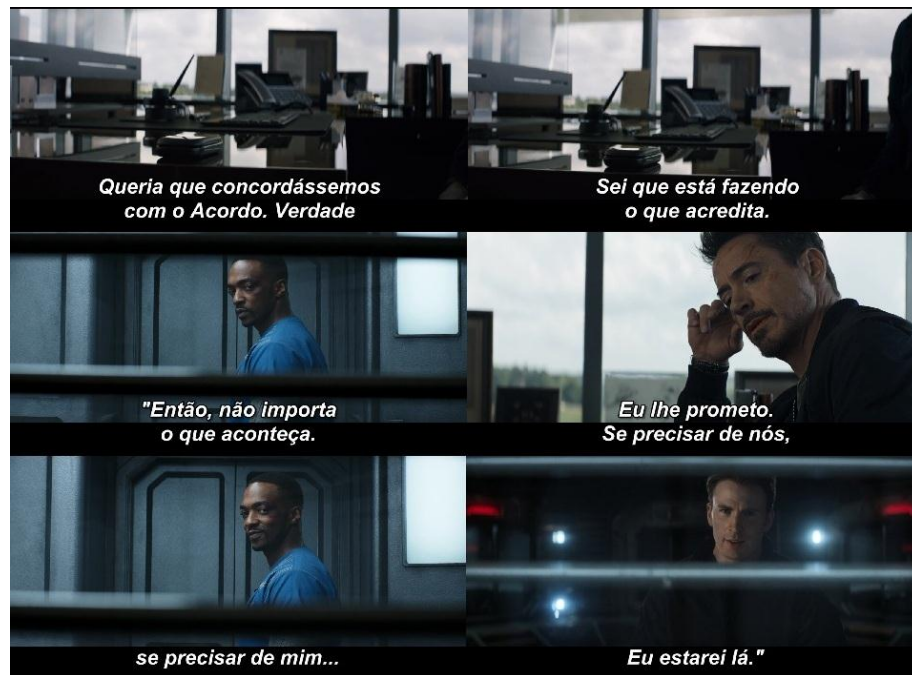


Figura 45: Reconciliação Capitão América e Homem de Ferro
(Fonte: Capitão América- Guerra Civil, 2016)

Sendo assim, para concluirmos, podemos observar a reconciliação entre Capitão América e Soldado Invernal, uma vez que no segundo filme eles eram grandes inimigos e neste eles lutam juntos. Seguindo na análise do segundo filme, podemos dizer que isso mostra uma relação pacífica entre Estados Unidos e Rússia. Em relação ao terceiro filme, observamos que os princípios de segurança defendidos por Tony Stark, que é de acabar com a ameaça terrorista, no caso prender Bucky, que é um suposto terrorista, são os mesmos adotados após o atentado às Torres Gêmeas, como o uso do *Hard Power* e intervenções em países que poderiam ser uma ameaça aos Estados Unidos. Capitão América é totalmente o oposto, visto que seus princípios morais e éticos fazem com que ele defenda a liberdade. Sendo assim, fica claro o *Soft Power* no personagem, pois ele ganha população pelas suas atitudes boas e éticas, sem precisar usar a força.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da hipótese que de os três filmes do Capitão América apresentam elementos de *Soft Power* que foram identificados a partir da análise política crítica dos elementos específicos trazidos por Douglas Kellner e Roberto Moll como as figuras, as imagens fílmicas, os signos (ícones e *indexes*), as cores nas cenas, a iluminação, o enquadramento das cenas e principalmente o discurso ideológico, cabe aqui ressaltar os elementos analisados em todo decorrer do presente trabalho.

Ao que se refere ao primeiro capítulo, podemos dizer que o conceito de *Soft Power* criado pelo autor Joseph Nye no início da década de 90 diz respeito à manipulação e a influência que um Estado, uma potência tem sobre estados pequenos e é feita principalmente através da mídia. Esta prática adotada pelos Estados Unidos é realizada para manter a hegemonia do país. Entretanto, deve-se ressaltar que antes de praticarem o *Soft Power*, o país norte-americano praticava o *Hard Power*, teoria oposta ao *Soft Power*, que é conceituada também por Nye e diz respeito ao uso da força.

Com isso, Nye resalta que o *Hard Power* era muito custoso para manter o país hegemônico e desta forma, o *Soft Power* seria bem mais barato e teria um alcance muito maior, visto que, a violência, obviamente, não era aceita por todos, então o Estado precisava de uma nova forma de manter a hegemonia sem ter muita resistência dos cidadãos, tanto interna quando externamente.

Os filmes do Capitão América são reflexo desta prática, uma vez que o personagem representa os interesses do seu país. Nota-se que em alguns momentos dos filmes, quando ele veste o traje, cujas cores são as mesmas da bandeira dos Estados Unidos, ele deixa de ser Steve Rogers para representar o próprio país.

No capítulo dois, referente à origem e desenvolvimento do Capitão América no qual podemos perceber uma mudança do mesmo ao longo do tempo, tanto nas HQs quanto nos três filmes analisados no presente trabalho. O super-herói que apareceu pela primeira vez nas HQs em 1941, durante a Segunda Guerra Mundial tem como principal característica o patriotismo, visto que seu traje possui as cores da bandeira dos Estados Unidos, como mencionado acima, assim como seu escudo praticamente indestrutível.

A princípio, nas primeiras HQs, assim como no primeiro filme, Capitão América lutava contra uma organização nazista chamada HIDRA que visava causar o caos no mundo e principalmente acabar com os Estados Unidos. Sendo assim, o super-herói luta cegamente para acabar com a organização e defender os interesses do seu país, além de tentar derrotar o próprio Hitler, o que é mostrado nas HQs e não é mostrado no primeiro filme. No filme ele luta e consegue derrotar o vilão Caveira Vermelha, mais poderoso que Hitler, que era um agente nazista que comandava a organização.

Já nas revistas posteriores, assim como no segundo e terceiro filme, Steve já não luta mais cegamente pelo seu país, uma vez que começa a questionar as ordens dadas pelo governo. O super-herói que possui ideais e princípios éticos, não faria nada para prejudicar a população de seu país.

No que tange ao capítulo três, não seria possível identificar o *Soft Power* nos filmes sem entender como fazer essa identificação, como fazer a análise política crítica dos filmes. Com isso, ao entender melhor os elementos que precisam ser analisados nas cenas, fica mais clara a identificação do Poder Brando.

A análise política crítica de filmes não é uma teoria específica de apenas um autor, são conceitos abordados por Douglas Kellner em seu livro *A Cultura da Mídia* e complementada por Roberto Moll. Ambos os autores mostram que a mídia é um caminho para dominação ideológica e para manter a hegemonia através da manipulação. Para não cair nesta manipulação midiática é que Keller traz elementos que devem ser observados e analisados, que faça com que a pessoa perceba que está sofrendo uma influência. Como mostrar personagens heróis que seguem determinada visão política que é transmitida nos discursos nas cenas, induzindo o telespectador a compartilhar da mesma visão, mesmo que inconscientemente.

Sendo assim, a forma de identificar *Soft Power* que manipula o telespectador é através das imagens que são mostradas no filme, bem como o significado da iluminação, o significado das cores, o significado dos enquadramentos dos personagens, assim como o discurso político nos diálogos, que foi o elemento mais focado na análise do presente trabalho, pois é onde mais aparecem evidências de Poder Brando.

Além de analisar a conjuntura da política internacional para poder entender o porquê de estar sendo passado aquilo naquele momento na mídia. Podemos usar como exemplo filmes estadunidenses lançados durante a Guerra Fria, no qual os inimigos sempre eram soviéticos e os mocinhos eram norte-americanos. Outro exemplo disso é o atentado terrorista de 11 de setembro, onde o foco da mídia era a tentativa terrorista de acabar com a hegemonia dos Estados Unidos, uma vez que foram lançados inúmeros filmes em que a superpotência derrotava grupos terroristas.

O objetivo do capítulo quatro foi mostrar o contexto histórico do primeiro filme, que foi o nazismo, bem como a análise do mesmo, baseada nesse contexto histórico, visto que o vilão enfrentado por Capitão América representara os interesses nazistas e visara não só derrotar o super-herói, mas como acabar com os Estados Unidos. Sendo assim, pode se dizer que o Caveira Vermelha é uma representação de Hitler, a HIDRA representando o nazismo, uma vez que seus símbolos são muito semelhantes e Steve representante do seu país, fazendo alusão ao que aconteceu de fato.

Podemos dizer que foram aplicados os elementos essenciais para se analisar o filme criticamente, como a iluminação baixa mostrando o vilão de forma amedrontadora, assim como a cor vermelha denotando violência em várias cenas do filme. É mostrado também o enquadramento do super-herói denotando inocência. Além da representação das cores do traje deste, que denotam tranquilidade e serenidade. Além disso, ficou evidente o discurso ideológico, visto que em mais de uma cena há diálogos entre os personagens que mostram como os soldados estadunidenses irão derrotar o nazismo. Também é mostrada a bondade de Steve, tanto através da iluminação alta, como nos discursos dele, que na maioria das vezes é mostrando como ele é bondoso e faria qualquer coisa pelo seu país e pela população.

No quinto capítulo, o objetivo é o mesmo do quarto, contextualizar e analisar criticamente o filme através dos elementos já citados. Observamos que neste filme, Capitão América se torna um pouco mais independente, uma vez que começa a questionar suas ordens, que antes não fazia. Põe seus ideais de liberdade acima das ordens de seus superiores. Apesar de ainda lutar pelo seu país acima de tudo, ele não o faz cegamente, sem pensar nas consequências, visto que agora suas decisões são baseadas em seus princípios éticos e morais.

Além disso, os discursos ideológicos são bastante evidentes, além do personagem ainda mostrar sua bondade em vários momentos do filme, como por exemplo, quando Nick Fury defende o uso do *Hard Power*, ele fica contra. Já mostrando que a liberdade é mais importante que a segurança. Além disso, o *Soft Power* é forte em várias cenas do filme.

Ademais, nota-se em diversas cenas a alusão do Soldado Invernal à URSS, como por exemplo, a estrela vermelha do braço esquerdo do vilão, assim como o idioma russo que ele fala em alguns momentos, além do traje dele, que são as cores preta e vermelha que remetem à violência. Nota-se também que em todo filme Capitão América defende-se do vilão e em nenhum momento o ataca realmente. Mostrando que os mocinhos não atacam, eles apenas se defendem, ou seja, os Estados Unidos defendendo-se da URSS.

Seguindo na mesma linha, o sexto e último capítulo também tem como objetivo a análise crítica do filme, o que muda é que o contexto deste filme é atual, mesmo que tenha sido mostrado os passos que levaram ao embate entre segurança e liberdade. Além disso, o vilão deste filme não é tão significativo quando os vilões dos outros dois filmes. Isto ocorre porque o tema central é o embate entre a segurança defendida pela equipe do Homem de Ferro e a liberdade defendida pela equipe do Capitão América, que causa um grande conflito entre ambas.

Nota-se ainda que Steve não queria se submeter aos mandos do governo, uma vez que recusa assinar um acordo que faria com que os vingadores se subordinassem apenas às missões da ONU e tudo que fosse feito contra isto, seria considerado crime. Ou seja, isso vai contra seus princípios e ideais de liberdade. Como isso a equipe se divide, como foi dito acima, uma vez que Capitão América lidera a parte em que defende a liberdade e Homem de Ferro defende a parte que apoia a segurança.

Vemos também Bucky, que no segundo filme era inimigo, se tornando parceiro de Steve novamente. Entretanto, ao ser acusado de ter causado um ataque terrorista, Tony Stark, junto a sua equipe tentam matar Bucky. Homem de Ferro como um bom defensor da segurança, não poderia deixar um terrorista sair impune, e vemos em algumas cenas que ele defende o *Hard Power* e vemos também Capitão América acusado de criminoso por defender Bucky.

Porém, é descoberto que Soldado Invernal não era terrorista. Capitão América, por ser correto, com princípios claros de moralidade, jamais defenderia Bucky se soubesse que ele realmente era terrorista. Com isso, após um conflito entre Capitão América e Homem de Ferro, o filme termina com uma reconciliação entre ambos, visto que se Steve não mata nem seus inimigos, com certeza não seria seu amigo que ele mataria ou cortaria relações, pois Steve é um homem correto, que apenas faz o bem.

Após analisar os três filmes do Capitão América, fica evidente o *Soft Power*, mesmo que em alguns momentos ele não fique tão explícito, podemos ver através dos elementos analisados. Não há dados concretos que comprovem que o *Soft Power* conseguiu influenciar a opinião pública, nem se o governo de Barack Obama utilizou desses filmes para mudar tal opinião. O que ocorre é uma mudança evidente na temática dos filmes ao longo dos anos de acordo com a conjuntura atual dos Estados Unidos. Podemos citar como exemplo filmes lançados durante as guerras em que os Estados Unidos sempre eram os mocinhos se defendendo dos outros países. Assim como na Guerra Fria que foram lançados uma grande quantidade de filme sobre espionagem, onde mais uma vez a superpotência era vítima de outros países, mais especificamente da União Soviética, neste contexto. Vemos também no início dos anos 2000, após os atentados terroristas uma onda de filmes que incitavam o *Hard Power*, com invasões ao Oriente Médio, por exemplo, visto que eles estavam ameaçando a segurança dos Estados Unidos. Entretanto, como disse Nye, o uso da força, o *Hard Power*, estava muito custoso e precisava-se de uma nova forma de influenciar as opiniões públicas. Nesse momento podemos observar que aqueles filmes, que antes incitavam o *Hard Power* foram perdendo força e uma nova temática ganhava espaço, os filmes de super-heróis que defendiam seu país de forma pacífica sempre se defendendo da violência dos seus inimigos.

Reiteramos que mesmo que não haja dados que comprovem o que foi dito acima, percebemos que os filmes sobre combate ao terrorismo e sobre securitização tiveram seu ápice durante o governo de Bush (filho), que defendia o uso da força e como vimos, comandou invasões no Oriente Médio tendo como pretexto a defesa de segurança nacional. Já Barack Obama, com uma política mais branda no que tange à segurança, tentou se reconciliar com países atacados por Bush. Ou seja, o uso do *Hard Power* já não cabia nesse momento, foi onde o *Soft Power* ganhou força, principalmente nos filmes de super-heróis.

Além disso, o tema *Soft Power*, assim como a análise de filmes e a importância da utilização dos elementos para realização da análise é de grande relevância, pois ao saber identificar estes elementos o indivíduo será mais resistente à manipulação midiática e a aceitar o *Soft Power* transmitido nos filmes. Ou seja, ao saber analisar estes elementos, a pessoa tende a assistir filmes de uma forma mais crítica, sendo mais resistente a imposição das ideologias transmitidas, por exemplo, uma vez que o governo dos EUA tende a se beneficiar do que é mostrado nos filmes, como é o caso dos filmes do Capitão América, no qual a mensagem passada por eles é que os Estados Unidos são um país invencível, capaz de conter toda e qualquer ameaça para garantir a segurança e o bem estar de sua população, assim como é um exemplo para outros países.

Entretanto, faltam dados empíricos que comprovem que os filmes realmente influenciam a opinião pública e que o governo estadunidense se beneficia com isto, o que existe é uma dedução acerca do tema, uma vez que pode não ser mera coincidência que tenham sido lançados filmes abordando o *Hard Power* durante o governo Bush, onde o presidente adotara uma política mais rígida, assim como pode não ser mera coincidência que existam mais filmes de super-heróis durante o governo de Barack Obama, o qual possuiu uma política mais branda e a ferramenta do *Soft Power* lhe era mais conveniente que a de *Hard Power*. Com isso, podemos dizer que se existissem dados comprovando esses apontamentos, a análise do presente trabalho seria mais rica e mais completa.

Sendo assim, dentro deste tema, é importante que no futuro se estude mais sobre o *Soft Power* transmitido nos filmes estadunidenses para que as pessoas não sejam mais tão influenciadas e manipuladas sem perceberem. Que passem a assistir os filmes de forma mais crítica, resistindo ao que é imposto. Além disso, deveria haver mais dados empíricos comprovando que o governo estadunidense se beneficia com essa ferramenta. Ou seja, uma vez que a pessoa tivesse conhecimento desses dados e tivesse conhecimento também sobre os elementos da análise de filmes ela seria bem mais resistente à manipulação midiática.

8 REFERÊNCIAS

ADORO CINEMA, **Capitão América- O Primeiro Vingador**: Sinopse e Detalhes, 2011. Disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-136557/> Acessado em: 13/10/2017

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco, **Dicionário de Política**, Brasília – DF, Editora UNB, 1998. Disponível em: <http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/17973/material/Norberto-Bobbio-Dicionario-de-Politica.pdf> Acessado em: 19/08/2017.

BOL FOTOS, **O melhor do Capitão América em 25 HQs**, Disponível em: <https://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2014/04/08/o-melhor-do-capitao-america-em-25-hqs.htm#fotoNav=13> Acessado em: 12/10/2017.

BUZAN, Barry, HANSEN, Lene, *The Evolution of International Security Studies*, Cambridge, 2009. Disponível em: [http://uluslararasigundem.com/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/44_BARRY_BUZAN_AND_LENE_HANSEN-THE_EVOLUTION_OF_INTERNATIONAL_SECURITY_STUDIES-CAMBRIDGE_UNIVERSITY_PRESS_\(2009\).PDF](http://uluslararasigundem.com/wp-content/uploads/bsk-pdf-manager/44_BARRY_BUZAN_AND_LENE_HANSEN-THE_EVOLUTION_OF_INTERNATIONAL_SECURITY_STUDIES-CAMBRIDGE_UNIVERSITY_PRESS_(2009).PDF) Acessado em: 26/08/2017.

CAPITÃO AMÉRICA: O PRIMEIRO VINGADOR (CAPTAIN AMERICA: THE FIRST AVENGER), Direção: Joe Johnston, Produção: Kevin Feige; Intérpretes: Chris Evans, Hayley Atwell, Sebastian Stan, Tommy Lee Jones, Hugo Weaving e outros; Los Angeles: Marvel Studios; Paramount Pictures, 2011. 1 DVD (2h 4min). Widescreen, color.

CAPITÃO AMÉRICA: O SOLDADO INVERNAL (CAPTAIN AMERICA: THE WINTER SOLDIER), Direção: Anthony Russo e Joe Russo, Produção: Kevin Feige; Intérpretes: Chris Evans, Samuel L. Jackson, Scarlett Johansson, Sebastian Stan, Anthony Mackie e outros; Los Angeles: Marvel Studios; Walt Disney Studios; 2014. 1 DVD (2h 16min). Widescreen, color.

CAPITÃO AMÉRICA: GUERRA CIVIL (CAPTAIN AMERICA: CIVIL WAR), Direção: Anthony Russo e Joe Russo, Produção: Kevin Feige; Intérpretes: Chris Evans, Robert Downey Jr., Scarlett Johansson, Sebastian Stan, Anthony Mackie, Don Cheadle, Jeremy Renner e outros; Los Angeles: Marvel Studios, Walt Disney Studios; 2016. 1 DVD (2h 27 min) Widescreen, color.

CHAGAS, Luciana Zamprogne, **Capitão América: Interpretações Sócio-antropológicas de um Super-Herói de Histórias em Quadrinhos**, In: SINAIS – Revista Eletrônica. Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n. 03, v.1, Junho. 2008, pp.134-162. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/sinais/article/view/2865/2331> Acessado em: 10/09/2017.

ÉPOCA, **Joseph Nye: “Donald Trump já erodiu o poder americano”**, 2017. Disponível em: <http://epoca.globo.com/mundo/noticia/2017/02/joseph-nye-donald-trump-ja-erodiu-o-poder-americano.html> Acessado em: 12/10/2017.

GALDIOLI, Andreza da Silva, **A Cultura Norte-americana como um Instrumento do Soft Power dos Estados Unidos**: o caso do Brasil durante a Política da Boa Vizinhança, Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais San Tiago Dantas (UNESP, UNICAMP e

PUC-SP), São Paulo, 2008. Disponível em:

http://200.145.6.238/bitstream/handle/11449/96282/galdioli_as_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acessado em: 27/08/2017.

GERHARDT, Tatiana Engel, **Métodos de pesquisa**, EAD Série Educação a distância, Editora: UFRGS, Porto Alegre, 2009. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acessado em: 26/10/2017.

GÜNTHER, Klaus, **Os cidadãos mundiais entre a liberdade e a segurança**, Novos Estudos CEBRAP, Março 2009, s/c, pp. 11.25. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/nec/n83/02.pdf> Acessado em: 28/09/2017.

HOBBSAWM, Eric, **Era dos Extremos: O breve século XX 1914-1991**, Editora Companhia das Letras, São Paulo, 1995.

INFANTV, **Captain America**. Disponível em: <http://infantv.com.br/infantv/?p=1275>

Acessado em: 12/10/2017.

KELLNER, Douglas, **A Cultura da Mídia**, Editora EDUSC, São Paulo, 2001. Disponível em:

https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf Acessado em: 02/10/2017.

KRANZ, Bernardo Koch, **Capitão América (v4): Soft Power e Diplomacia Cultural na Guerra ao Terror (2002-2006)**, Santana do Livramento, 2015. Disponível em:

<http://dspace.unipampa.edu.br:8080/handle/rii/853> Acessado em: 11/09/2017.

MCCLLOUD, Scott, **Desvendando os Quadrinhos**, Makron Books, Makron Books, 1995.

Disponível em: <https://semioticadaimagem.files.wordpress.com/2016/04/desvendando-os-quadrinhos-scott-mccloud.pdf> Acessado em: 04/09/2017.

MALULY, Vinícius, **Organização do Tratado do Atlântico Norte VS Pacto de Varsóvia:**

Crise dos Mísseis, Internationali Negotia, Modelo Internacional do Brasil, Brasília – DF, 2015. Disponível em: <http://site.internationali.com.br/images/mib/crise.pdf> Acessado em: 20/09/2017.

MOLL, Roberto, Construção de hegemonia: metodologia para análise de conjuntura internacional por meio das narrativas de filmes e séries de ficção. In: AYERBE, Luis Fernando (Org.), **Análise de Conjuntura em Relações Internacionais. Abordagens e Processos**. 1. Ed. – São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, p. 261-291. Disponível em:

https://www.academia.edu/27285355/An%C3%A1lise_de_conjuntura_em_Rela%C3%A7%C3%B5es_Internacionais_abordagens_e_processos Acessado em: 05/10/2017.

NATO/OTAN, **A Transformação da OTAN**, Public Diplomacy Division/Division Diplomatique Publique, Bruxelas – Belgium, 2004. Disponível em:

http://www.nato.int/nato_static/assets/pdf/pdf_publications/20120116_nato-trans-por.pdf Acessado em: 18/09/2017.

NYE, Joseph S., **Foreign Policy**, No. 80, Twentieth Anniversary, 1990, 153-171. Disponível em: http://www.lionelgram.com/560_Nye%20Soft%20Power%20Foreign%20Policy.pdf Acessado em: 16/08/2017.

OMELETE, **Lembra desse? Capitão América**, 2000. Disponível em: <https://omelete.uol.com.br/series-tv/artigo/lembra-desse-capitao-america/> Acessado em: 12/10/2017.

OURIVEIS, Maíra, **Soft Power e indústria cultural**: A política externa norte-americana presente no cotidiano do indivíduo, RARI, Revista Acadêmica de Relações Internacionais, Edição Nº 4 Vol. II, 2013, p. 168-196. Disponível em: <http://rari.ufsc.br/files/2013/10/RARI-N%C2%B04-Vol.-II-Artigo-7.pdf> Acessado em: 20/08/2017.

SANTOS, João Pedro Ricaldes, **Nazismo e Fascismo**. S/c, S/d. Disponível em: <http://humanarte.net/nazistas.pdf> Acessado em: 16/09/2017.

SPIEGEL ONLINE, **It Is Pointless to Talk to Al-Qaida**, 2009. Disponível em: <http://www.spiegel.de/international/world/harvard-professor-joseph-nye-on-hard-and-soft-power-it-is-pointless-to-talk-to-al-qaida-a-643189.html> Acessado em: 12/10/2017.

TEIXEIRA, Heitor Duarte, **O outro lado do American Way of Life**: O trato da desilusão através da literatura norte-americana do século XX, Universos da história, Rio de Janeiro, Ano 1, v. 1, 2008, p. 32-50. Disponível em: 25/08/2017.
https://www.passeidireto.com/arquivo/2039368/o-outro-lado-do-american-way-of-life_artigo
Acessado em: 22/08/2017

UOL ENTRETENIMENTO CINEMA, **Capitão América (1944)**, 2013. Disponível em: <https://cinema.uol.com.br/resenha/capitao-america-1944.jhtm> Acessado em: 12/10/2017.

VIANNA, Alexander Martins, **Paradoxos da política externa de Barack Obama**: *Anno Primo*, Revista Espaço Acadêmico – Nº 105 – Fevereiro de 2010, Rio de Janeiro – RJ, pp. 112-132. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9187/5248> Acessado em: 26/09/2017.

VIZENTINI, Paulo Fagundes, **A Guerra Fria**: O desafio socialista à ordem americana, Editora Leitura XXI, Porto Alegre, 2004.

VIZENTINI, Paulo Fagundes, **As Guerras Mundiais (1914-1945)**, Editora Leitura XXI, Porto Alegre, 2012.

VIZENTINI, Paulo Fagundes, **O Mundo pós-Guerra Fria**: O desafio do (ao) “Oriente”, Editora Leitura XXI, Porto Alegre, 2005.